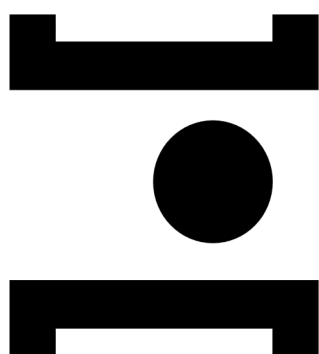


INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
Escola Superior de Educação



**POLITÉCNICO
DE SANTARÉM**

**A LIGAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA MEDIADA PELAS
TECNOLOGIAS**

Relatório de Estágio

**Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino
Básico**

Joana Alexandra Santos Correia

Orientação:

Cristina Maria Junceiro Novo

outubro, 2023

Agradecimentos

A realização deste relatório só foi possível com a ajuda de diversas pessoas, que direta ou indiretamente contribuíram para a sua concretização.

Finalizando mais uma etapa da minha vida quero agradecer, em primeiro lugar, ao meu pai e padrinhos por todo o apoio, carinho e pela força que me transmitiram ao longo de toda a minha vida e principalmente durante o percurso académico que agora termina.

Aos meus avós que auxiliaram em tudo para que fosse capaz de concluir esta etapa, por todo o apoio que me deram, por todos os ensinamentos que me transmitiram e por nunca terem duvidado que seria capaz de a terminar.

De seguida, quero expressar o meu agradecimento a todos os professores que me acompanharam nestes dois anos de Mestrado.

À minha orientadora, a Professora Cristina Novo, o meu enorme obrigado, pela sua orientação científica, apoio permanente, disponibilidade, sábios conselhos e coordenação.

Por último, a todos os educadores e professores que me apoiaram e que se demonstraram disponíveis para as entrevistas, assim como a todos os encarregados de educação que responderam aos meus inquéritos por questionário, agradeço a sua confiança e o apoio nesta etapa tão importante do meu ciclo de estudos.

Muito obrigada a todos!

Resumo

O presente relatório descreve o percurso efetuado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo, evidenciando as aprendizagens e as experiências vividas nas Práticas de Ensino Supervisionado, em contextos de Creche, Jardim de Infância e 1.º Ciclo. Refere, também, o exercício investigativo sobre “A ligação Escola-Família mediada pelas tecnologias”, tendo como ponto de partida a seguinte questão-problema: Como é que as tecnologias de informação e comunicação podem ser um recurso facilitador do envolvimento Escola-Família?.

Seguiu-se uma metodologia de carater qualitativa, com uma amostra de 65 encarregados de educação e 4 docentes. Os instrumentos utilizados foram o inquérito por entrevista e por questionário.

A análise dos resultados permitiu compreender que os encarregados de educação utilizam as tecnologias de informação e comunicação para comunicar com os docentes, sendo que consideram-nas uma ferramenta benéfica para comunicar informações e por vezes, para acompanhar o quotidiano das atividades dos seus educandos.

Palavras-chave: Tecnologias de Informação e Comunicação; Família; Escola; Ensino Básico; Pré-Escolar

Abstract

This report describes the path taken within the scope of my Master in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle, highlighting the learning and experiences lived in the Practices of Supervised Teaching, in contexts of Daycare, Kindergarten and 1 st Cycle. It also refers to the investigative exercise on “The School-Family connection mediated by technologies”, having as a starting point the following problem-question: How can information and communication technologies be a resource that facilitates School-Family involvement?

A qualitative methodology was followed, with a sample of 65 caregivers and 4 teachers. The instruments used were the interview and questionnaire survey.

The analysis of the results made it possible to understand that guardians use information and communication technologies to communicate with teachers, considering that these are a beneficial tool to communicate information and sometimes to accompany the daily activities of their students.

Key-words: Information and Communication Technologies; Family; School; Basic education; Preschool

Sumário

<i>Introdução</i>	1
<i>Parte I – Práticas de Ensino Supervisionada</i>	2
1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche	2
1.1. Caraterização da instituição	2
1.2. Projeto educativo	3
1.3. Caraterização da sala	3
1.4. Caraterização do grupo	4
1.5. Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio	5
1.6. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Os animais são teus amigos”	6
2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância	8
2.1. Caraterização da sala	8
2.2. Caraterização do grupo	10
2.3. Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio	11
2.4. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “À descoberta do reino animal”	12
3. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico – 1.º e 2.º ano	18
3.1. Caraterização da instituição	18
3.2. Projeto educativo	19
3.3. Caraterização da sala	19
3.4. Caraterização do grupo	20
3.5. Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio	21
3.6. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “A brincar também aprendemos”	23
4. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico – 3.º e 4.º ano	25
4.1. Caraterização da instituição	25
4.2. Projeto educativo	26
4.3. Caraterização da sala	27
4.4. Caraterização do grupo	27
4.5. Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio	29
4.6. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “A crescer como cidadão”	31
5. Reflexão do percurso de desenvolvimento profissional	34
<i>Parte II – Exercício investigativo</i>	37
1. Motivos que estão na base do exercício investigativo	37
2. Enquadramento teórico	38
2.1. Família	38
2.2. Ligação Escola-Família	41

2.3.	Dificuldades da ligação Escola-Família	43
2.4.	Importância da tecnologia na sociedade	45
2.5.	Importância da tecnologia na promoção da ligação Escola-Família.....	47
3.	Tipo e pertinência do estudo	49
4.	Questão-Problema e objetivos da investigação	50
5.	Contexto e participantes	51
6.	Processos de recolha e tratamento de dados	51
6.1.	Investigação qualitativa.....	52
6.2.	Estudo de caso	52
7.	Apresentação e análise dos resultados.....	57
7.1.	Inquérito por entrevista	57
7.2.	Inquéritos por questionário.....	61
8.	Principais conclusões	66
8.1.	Conclusão da investigação	66
8.2.	Limitações e sugestões para futuras investigações	67
<i>Parte III – Reflexão final.....</i>		<i>68</i>
<i>Parte IV - Referências bibliográficas.....</i>		<i>70</i>
<i>Parte V - Anexos.....</i>		<i>72</i>
Anexo A - Guião de Entrevista.....		72
Anexo B - Inquérito por Questionário.....		76
Anexo C – Transcrição das Entrevistas		78

Lista de tabelas

Tabela 1 - Objetivos gerais das atividades

Tabela 2 - Objetivos gerais da 1.^a semana de intervenção

Tabela 3 - Objetivos gerais da 2.^a semana de intervenção

Tabela 4 - Objetivos gerais da 3.^a semana de intervenção

Tabela 5 - Objetivos gerais da 4.^a semana de intervenção

Tabela 6 - Objetivos gerais da 5.^a semana de intervenção

Tabela 7 - Objetivos gerais da 6.^a semana de intervenção

Lista de gráficos

Gráfico 1 - Habilitações Literárias dos Encarregados de Educação

Gráfico 2 - Competências digitais dos Encarregados de Educação

Gráfico 3 - Comunicação com o professor

Gráfico 4 - Frequência da comunicação com o professor

Gráfico 5 - TIC utilizada para comunicar com o professor

Gráfico 6 - Dificuldades de utilização das TIC

Gráfico 7 - Utilização das TIC

Gráfico 8 - Acompanhamento das atividades escolares

Lista de figuras

Figura 1-A quinta do senhor António

Figura 2-Dinamização da atividade “A quinta do senhor António”

Figura 3-Colagem dos papeis coloridos do percurso

Figura 4-Percurso dos animais da quinta com lápis de cor

Figura 5-Explicação da atividade

Figura 6-Construção de um peixe com as peças do tangram

Figura 7- Pintura do crocodilo Danilo

Figura 8-Colagem do crocodilo Danilo

Figura 9-Placar dos crocodilos Danilos

Figura 10-Explicação do jogo da alimentação

Figura 11-Execução do jogo da alimentação

Figura 12-Roletas mágicas

Figura 13-Transcrição dos cálculos

Figura 14- Recorte dos países da Europa

Figura 15- Colagem dos países da Europa

Figura 16- Placar final da Mantinha da Europa

Figura 17- Guião "Jogo das pedrinhas"

Figura 18-Grupo a jogar ao "Jogo das pedrinhas"

Introdução

O presente relatório foi elaborado no âmbito da componente de Prática de Ensino Supervisionada, inserida no plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, lecionada na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém. Tendo como principal objetivo a obtenção do grau de mestre, orientado pela docente Cristina Novo.

Deste modo, o mesmo encontra-se dividido em duas partes: Parte I – Prática de Ensino Supervisionado; Parte II – Exercício Investigativo.

Na primeira parte do relatório são evidenciados todos os contextos de estágios realizados, primeiramente em Creche, seguidamente Jardim de Infância e por último em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico. Em cada contexto é realizada uma breve caracterização da instituição, da sala e do grupo onde decorreu a prática, sendo, de seguida, apresentado o projeto desenvolvido durante o estágio. Por último, a minha reflexão final, onde está exposto o meu desenvolvimento profissional, a forma como ultrapassei algumas dificuldades sentidas e as principais aprendizagens que realizei.

A segunda parte é direcionada para o exercício investigativo sobre a influência das tecnologias na relação entre a Escola e as Famílias, com os seguintes objetivos: Caracterizar o perfil das famílias e dos profissionais de educação, tendo em conta as tecnologias que utilizam; Conhecer a influência que as tecnologias têm na relação entre a escola e a família; Compreender de que modo é que as tecnologias possibilitam que as famílias se sintam mais próximas da escola; Perceber a perspetiva que o professor/educador e os encarregados de educação têm sobre a ligação Escola-Família mediada pelas tecnologias.

Nesta parte é apresentada uma contextualização da investigação, onde é evidenciado o enquadramento teórico, a pertinência do estudo, a questão-problema e os respetivos objetivos. No enquadramento teórico é realizada uma revisão de literatura sobre a ligação Escola-Família e a importância das tecnologias, que justifica e sustenta a pesquisa realizada. Seguidamente apresentam-se as opções metodológicas utilizadas, o contexto e participantes, os processos de recolha e tratamento de dados e por fim a apresentação e discussão dos resultados obtidos na investigação. Na realização deste estudo, foi elaborada uma investigação qualitativa, onde foram entrevistadas quatro participantes e efetuados inquéritos por questionário a 65 encarregados de educação.

A investigação termina com a apresentação das conclusões e as limitações encontradas, assim como, as sugestões para as futuras investigações. Por último, encontram-se as referências bibliográficas, que sustentaram esta investigação e os anexos.

Parte I – Práticas de Ensino Supervisionada

No âmbito do ciclo de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, realizei quatro Práticas de Ensino Supervisionadas: uma em Creche, uma em Educação Pré-Escolar e duas em 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Neste sentido, segue uma breve apresentação dos contextos físicos e sociais onde decorreram as Práticas de Ensino Supervisionadas, uma vez que a caracterização do meio envolvente às instituições se revela pertinente.

A investigação desenvolvida e exibida neste relatório diz respeito à Prática de Ensino Supervisionado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico. Assim sendo, serão caracterizados os quatro contextos onde decorreram estas práticas.

1. Prática de Ensino Supervisionada em Creche

A primeira Prática de Ensino Supervisionada ocorreu na valência de Creche, no período compreendido entre 11 de janeiro de 2021 a 21 de janeiro de 2021. Sendo um grupo homogêneo com crianças de 2 anos.

1.1. Caracterização da instituição

A instituição A onde realizei o meu estágio, na valência de Creche, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, situada na cidade de Santarém.

É uma instituição particular que recebe apoio financeiro do Ministério da Educação e do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, Emprego e Segurança Social.

O edifício foi construído de raiz e inaugurado em janeiro de 2005, mas a sua abertura ocorreu em setembro de 2003. Este apresenta uma arquitetura funcional e contemporânea valorizando a identidade cultural.

Evidencia-se, na instituição, um ambiente harmonioso e humano. A decoração é simples onde cada espaço privilegia a arte infantil. Assim engloba, para além da valência de Creche, outras valências como Jardim de Infância e 1.º Ciclo.

Esta instituição tem-se caracterizado pela utilização e desenvolvimento de um modelo próprio, orientado por grandes princípios de solidariedade, entreajuda, convivalidade, pesquisa e formação permanente. Segue a metodologia pedagógica de João de Deus, através da Cartilha Maternal, do ensino da matemática, das expressões e da cidadania ativa.

Como já foi referido, a instituição é composta por diversas valências e o meu segundo estágio também foi realizado na mesma, mas na valência de Pré-Escolar.

1.2. Projeto educativo

O Projeto Educativo rege-se pelo principal objetivo da instituição A que é apoiar as crianças e as famílias do concelho de Santarém. Neste sentido, intitula-se “A Saúde”, abrange todas as valências, e tem como objetivo principal ajudar a comunidade educativa na consciencialização da necessidade de ter cuidados de saúde, mostrando os diversos cuidados a ter e a sua importância para a vida e para a história dos povos.

A abordagem do tema “A saúde” nas diferentes valências deverá apresentar às crianças uma perspetiva abrangente que envolva diversas questões que estão presentes da atualidade.

Assim sendo, este projeto deve ser implementado proporcionando uma grande diversidade de experiências e vivências, ampliando assim a consciência sobre questões referentes à temática da saúde, assumindo autonomamente atitudes e valores voltados ao seu autocuidado e autoproteção.

Esta instituição considera que todo o ser humano tem direito à educação e deste modo a sociedade deve oferecer os meios necessários para que os cidadãos possam exercer dignamente este direito fundamental, no contexto das liberdades proclamadas na Constituição da República Portuguesa.

1.3. Caracterização da sala

O estágio de intervenção decorreu na sala dos 2 anos, denominada o Bibe Verdinho. Esta é uma sala ampla, com um chão plano e de fácil lavagem. À entrada da sala, mais concretamente no lado direito, pode encontrar os cabides com o nome e a fotografia de cada criança, onde se colocam os sacos, os casacos e quaisquer outros pertences das crianças. As paredes da sala são coloridas e nelas estão desenhadas figuras infantis e decoradas com diversas imagens do Snoopy. Nas paredes encontram-se também o espaço dos aniversários e dois placares onde são expostos os trabalhos realizados pelas crianças.

Apresenta um balcão com lavatório que serve como apoio para colocar os materiais da sala e para a higienização de diversos objetos.

Dentro da sala, existe uma mesa e dois bancos corridos, onde as crianças costumam realizar as tarefas.

Ao canto da sala, empilhados, estão os catres onde dormem a sesta, quatro caixas de plástico com diversos brinquedos para o momento da brincadeira livre, três carrinhos de bebé de brincar, uma cozinha de brincar, bonecos, livros, carrinhos e quatro sofás.

O fraldário encontra-se junto à entrada da sala, mais concretamente à esquerda. Neste (com uma parede envidraçada) podemos encontrar os bacios expostos de modo que as crianças conheçam o seu, bem como, quatro sanitas adaptadas ao tamanho da criança, uma

banheira, elementos de higiene, tais como toalhetes, pomadas e fraldas. Existe ainda a bancada onde são mudadas as fraldas.

Relativamente ao projeto pedagógico de sala, a educadora não tinha nenhum previamente definido. No entanto, realizava uma planificação anual na qual se baseava para realizar as suas planificações semanais. A planificação anual integrava conteúdos conceituais definidos pela mesma, os procedimentos, os métodos, as capacidades, as destrezas, os valores e as atitudes a trabalhar nas diferentes áreas de desenvolvimento. É importante referir que o maior objetivo da educadora era promover o desenvolvimento emocional, intelectual, social e físico do grupo, assegurando sempre as suas necessidades básicas e a prestação de cuidados.

1.4. Caraterização do grupo

A sala Bibe Verdinho, era constituída por 19 crianças, das quais 7 são do sexo feminino e 12 do sexo masculino.

O grupo logo de início demonstrou uma boa dinâmica e uma boa relação entre si, apesar de terem ocorrido algumas disputas pelos brinquedos.

A autonomia de algumas crianças era bastante visível, pois eram capazes de desempenhar simples tarefas como arrumar a sala, alimentarem-se sozinhas, calçar os sapatos, realizar pequenos recados, entre outras. No entanto, outras crianças, mais novas, ainda necessitavam de auxílio na realização de algumas tarefas, como a alimentarem-se, a calçarem-se, entre outras.

Na realização das atividades propostas, tanto por mim como pela educadora, foi notório o gosto que as crianças demonstravam pela música e por dançar ao ritmo desta.

Era bastante evidente a diferença de personalidades de cada criança do grupo, a preferência dos brinquedos com que cada uma gostava mais de brincar e os distintos espaços da sala em que cada uma apreciava divertir-se durante a brincadeira livre.

Neste grupo não havia nenhuma criança com Necessidade Educativas (NE) reconhecidas até ao momento.

Foi um grupo que desde o início do estágio se mostrou bastante motivado, interessado, muito amável e respeitoso para comigo. Existiam algumas crianças que inicialmente foram mais difíceis de cativar, mas, com o tempo, dedicação e carinho penso que consegui ganhar a confiança de todas.

Posso concluir que o grupo é ativo, curioso, desperto para novas aquisições na aprendizagem, com vontade de explorar constantemente todos os brinquedos e espaços da sala. São um grupo bastante desenvolvido para a sua faixa etária, em relação às atividades, foram sempre participativos e interessados. Corresponderam sempre positivamente ao que lhes era proposto.

1.5. Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio

Desde que iniciei as preparações para o estágio, com o meu par, que a nossa ideia para este projeto assentava na aprendizagem pela experiência e pela exploração. O nosso principal objetivo, centra-se no facto das crianças conseguirem explorar e vivenciar aquilo a que não tenham acesso facilmente ou regularmente.

Em conversa informal com a educadora cooperante, a mesma, sugeriu o tema que gostaria que trabalhássemos nas semanas de estágio. Deste modo, o nosso projeto foi criado e fundamentado com base no tema proposto.

A partir desse momento pudemos começar a elaborar as nossas atividades tendo em conta os respetivos objetivos. Assim sendo, o nosso projeto tem então como base a exploração da diversidade do reino animal, uma temática que está inserida no projeto sala, fazendo parte dos conteúdos a lecionar pela docente.

Os animais têm uma grande importância no mundo quotidiano das crianças, seja pela sua presença através de histórias, desenhos animados ou vivências do dia a dia e em vista disso a criança possui um carácter de identificação das suas vivências pessoais e sociais. Através do projeto, o grupo de crianças, chegará à conclusão de que deve respeitar todos os animais, pois estes são seres vivos importantes para o nosso planeta e para o ser humano, como elementos da Natureza.

Segundo Marc Bekoff, “Os animais não são propriedade ou coisas, mas organismos vivos sujeitos a uma vida, que merecem a nossa compaixão, respeito, amizade e apoio.”. Desta forma, o nosso projeto intitula-se de “Os animais são teus amigos” e destina-se a um público-alvo que pertence à faixa-etária dos 2 anos, mais precisamente na valência da Creche.

Objetivos gerais do projeto

- Dar a conhecer o reino animal;
- Promover o conhecimento e identificação das famílias existentes no reino animal;
- Favorecer atividades que permitam às crianças perceber que os animais apresentam características próprias e únicas, e que podem ser agrupadas segundo diferentes critérios.

Avaliação

No que se refere à avaliação do projeto, a mesma foi realizada através de observação direta, utilizando como ferramenta de auxílio uma grelha referente ao envolvimento das crianças nas atividades. Decidimos utilizar também o registo fotográfico do processo e as “vozes” /respostas das crianças.

Tendo em conta, a pandemia Covid-19 que o país se encontrou, foi-nos impossível dar continuidade ao estágio.

1.6. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Os animais são teus amigos”

Objetivos gerais das atividades

Objetivos	Atividades
- Desenvolver a linguagem, articulação das palavras; - Valorizar normas de convivência em grupo; - Dar a conhecer os animais da quinta.	História “Os animais da quinta”
- Dar a conhecer os animais da quinta; - Verificar que os animais apresentam características próprias e únicas e podem ser agrupados segundo diferentes critérios; - Experimentar as possibilidades expressivas da cor e aplicá-las à produção de obras plásticas sobre o suporte.	“Pintura de um animal da quinta”
- Verificar que os animais apresentam características próprias, únicas e podem ser agrupados segundo diferentes critérios; - Promover a lateralidade.	“Coloca-me no sítio certo”
- Desenvolver a linguagem, articulação das palavras; - Dar a conhecer os animais da quinta; - Promover o conceito de “quinta”.	História “A quinta do senhor António”
- Verificar que os animais apresentam características próprias, únicas e podem ser agrupados segundo diferentes critérios; - Desenvolver a noção de espaço;.	“Percurso dos animais à quinta”
- Desenvolver a linguagem, articulação das palavras; - Promover as figuras geométricas; - Proporcionar o seguimento de sequências.	“Introdução do quadrado através dos blocos lógicos e ensinamento de uma lengalenga”
- Experimentar as possibilidades expressivas da cor e aplicá-las à produção de obras plásticas sobre o suporte; - Desenvolver a noção de quadrado.	“Pintura com quadrados”

Tabela 1 - Objetivos gerais das atividades

História “A quinta do senhor António”

A atividade apresentada, decorreu no desenvolvimento do projeto “Os animais são teus amigos”, tendo sido a que correu melhor e também a preferida do grupo. Foi um recurso elaborado por mim e pelo meu par pedagógico, que cativou bastante a atenção das crianças.

A história “A quinta do senhor António” retrata a manhã, atarefada, de um agricultor que todos os dias ia bem cedinho alimentar e cumprimentar todos os seus animais.

A dinamização da história foi realizada na área da mantinha, onde o grupo se posicionava em meia-lua.

Para iniciar a história, comecei por pedir ao grupo que se sentasse nos seus lugares e, seguidamente, expliquei o que iria acontecer: “Hoje, vamos ouvir uma história sobre os animais na quinta. E vou precisar da vossa ajuda para contá-la, estão preparados?”

Posto isto, após todo o grupo estar sentado e calmo, mostrei uma base, onde estava a estrutura da quinta e um saco, que continha os animais e o agricultor – as crianças revelaram muita curiosidade e entusiasmo. Neste sentido, dei início à história, retirando o senhor António do saco e sucessivamente os outros animais. Durante toda a atividade, o grupo demonstrou-se bastante interessado, atento, feliz e participativo.

No decorrer da história pedi a intervenção das crianças, de forma individual, de modo a colocarem um determinado animal na quinta, tendo em conta as características do mesmo, ao qual praticamente todas responderam corretamente. Quando a resposta não era a adequada foi arranjado outro método de abordagem para chegar à resposta correta.

No final da atividade, realizei algumas questões ao grupo sobre a história. Quase todas as crianças souberam indicar as personagens, as suas características e qual o seu lugar na quinta.

O balanço da atividade é muito positivo, pois foi possível observar que os conteúdos ficaram consolidados e que os objetivos propostos foram atingidos.



Figura 1- A quinta do senhor António



Figura 2- Dinamização da atividade “A quinta do senhor António”

Atividade: “Percurso dos animais à quinta”

A atividade apresentada também foi desenvolvida no âmbito do projeto de intervenção acima descrito.

Esta atividade foi iniciada através de uma conversa na mantinha acerca da temática dos animais da quinta.

Para iniciar esta atividade, comecei por relembrar o grupo das atividades anteriormente realizadas sobre o tema e por perguntar quais tinham sido os animais que apareceram na quinta do senhor António.

De seguida, apresentei a atividade que se ia desenvolver, comunicando que, desta vez, iam ajudar os animais a chegar à quinta e pedi-lhes que se dirigissem à área das mesas para darmos início à atividade.

Assim sendo, após todas as crianças estarem sentadas de uma ficha a cada uma, com um animal e com o percurso que termina na quinta. O grupo, primeiramente, teve de passar com o dedo indicador dentro do percurso e depois com um lápis de cor à sua escolha. Por último, rasgaram e colaram pedaços de papeis coloridos dentro do percurso até chegarem à imagem da quinta.

Durante a realização desta atividade, foi visível o nível de felicidade e satisfação do grupo ao estarem a ajudar um animal no percurso até casa. Algumas crianças demonstraram-se preocupadas, mas, no final da atividade, tranquilizei-as dizendo que todos os animais tinham conseguido chegar à sua quinta.



Figura 3-Colagem dos papeis coloridos do percurso



Figura 4-Percurso dos animais da quinta com lápis de cor

2. Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância

A segunda Prática de Ensino Supervisionada ocorreu na valência de Jardim de Infância, no período compreendido entre 03 de maio 2021 a 18 de junho de 2021. Sendo um grupo homogêneo com crianças de 4 anos, na instituição A em Santarém.

2.1. Caraterização da sala

O estágio de intervenção ocorreu na sala dos 4 anos, o Bibe Encarnado. Esta é uma sala ampla, localizada no salão, com um chão plano e de fácil lavagem. À entrada do salão, mais concretamente no lado esquerdo, podemos encontrar os cabides com o nome de cada

criança, onde se colocam as sacas, os bibes, os casacos e quaisquer outros pertences das crianças. As paredes do salão são brancas, mas nelas estão desenhadas figuras infantis e decoradas com diversas imagens referentes ao tema “espaço”, por exemplo foguetões, astronautas, entre outros. Nas paredes, encontrei também o espaço dos aniversários e seis placares onde são expostos os trabalhos realizados pelo grupo.

Dentro do espaço “sala”, existem oito mesas hexagonais e seis cadeiras em cada uma, onde as crianças costumam ter aulas e realizar as propostas.

Na sala existe diversos armários destinados à arrumação de materiais, sendo que num deles se encontram as gavetas das crianças onde as mesmas colocam os respetivos trabalhos. Para tal, cada gaveta tem o nome possibilitando a identificação das mesmas. Nas portas de um dos armários, encontram-se placares referentes ao tempo, à identificação dos chefes da semana, e à identificação do dia, mês e ano.

Encontra-se também um quadro de ardósia, a secretária da educadora, a mantinha e as áreas.

Por fim, verifiquei que num placar se encontravam as planificações semanais e uma grelha de marcação de presenças.

Em relação ao projeto de sala, a educadora não tinha nenhum previamente definido. No entanto, existia um documento onde se encontravam definidas as competências específicas para os 4 anos (Bibe Encarnado).

Desta forma, a metodologia que a educadora segue é o método de João de Deus. No decorrer do presente ano letivo, serão trabalhadas diferentes áreas, como a iniciação à matemática (utilizando materiais diversificados), a iniciação à leitura e à escrita, o conhecimento do mundo, os trabalhos manuais e a expressão plástica, com diferentes atividades onde as crianças têm uma participação ativa. Também tinham educação física, música e inglês.

Através desta metodologia a mesma pretende superar e colmatar as dificuldades e estimular as aptidões de cada criança, para que possam desenvolver todas as suas capacidades. Realizava uma planificação anual na qual se baseava para efetuar as suas planificações semanais. Foi estabelecido um horário onde, na parte da manhã, a educadora pretende trabalhar a componente cognitiva e de raciocínio lógico-matemático e na parte da tarde as expressões.

Para um bom e harmonioso funcionamento da turma todos participaram na nomeação de regras, tendo assim a obrigação de as cumprir. Todas as semanas são nomeados dois chefes, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, que serão os responsáveis pela realização das tarefas, tais como: a distribuição e arrumação do material, das sacas, a

verificação da limpeza e arrumação da sala. Têm também a responsabilidade de regar as plantas ou dar de comida aos animais quando assim for necessário, e caso existam.

Assim sendo, o plano curricular e a planificação anual integram conteúdos conceituais definidos pela mesma: os procedimentos, os métodos, as capacidades, as destrezas, os valores e as atitudes a trabalhar nas diferentes áreas de desenvolvimento. É importante referir que os maiores objetivos da educadora eram promover o desenvolvimento emocional, intelectual, social e físico do grupo, assegurando sempre as suas necessidades básicas e a prestação de cuidados, e proporcionar a aquisição dos conteúdos lecionados.

2.2. Caraterização do grupo

Estagiei na sala dos 4 anos (Bibe Encarnado), o grupo é constituído por 24 crianças, das quais 13 são do sexo feminino e 11 do sexo masculino. O grupo logo de início demonstrou uma boa dinâmica e uma boa relação entre si, havendo trocas afetuosas de carinho, gosto e curiosidade em aprender novos conteúdos.

A autonomia do grupo era bastante visível, pois eram capazes de desempenhar tarefas como arrumar a sala, vestir o bibe autonomamente, alimentarem-se sozinhos, calçar os sapatos, realizar pequenos recados, fazerem a sua higiene pessoal autonomamente, entre outras. Foi notório o gosto e concentração que as crianças demonstravam tanto na aprendizagem dos conteúdos como na realização das atividades pedagógicas propostas. É de salientar que o inglês, a educação musical e a educação física são lecionadas por outros docentes, sendo que tive a possibilidade de assistir a algumas destas aulas, e verifiquei que existe também uma excelente interação e integração das crianças.

Era bastante evidente a diferença de personalidades de cada criança do grupo, a preferência dos brinquedos com que cada uma gostava mais de brincar e os distintos espaços da sala em que cada uma apreciava divertir-se durante a brincadeira livre.

Neste grupo não havia nenhuma criança com Necessidade Educativas (NE) reconhecidas até ao momento.

Foi um grupo que desde o início do estágio se mostrou bastante motivado, interessado, muito amável e respeitoso para comigo. Existiam algumas crianças que inicialmente foram mais difíceis de cativar, mas, com o tempo, dedicação e carinho consegui alcançar a confiança de todos.

Posso concluir que era um grupo ativo, curioso, desperto para novas aquisições na aprendizagem, com vontade de explorar constantemente todos os materiais, brinquedos e espaços da sala. Era um grupo bastante desenvolvido para a sua faixa etária, sendo que não demonstrou dificuldades ao nível da concentração. No que se refere às atividades e aquisição de novos conteúdos, as crianças foram sempre bastante curiosas, dinâmicas, participativas e

interessadas. Desta forma, consideramos que corresponderam sempre positivamente àquilo que lhes era proposto.

2.3. Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio

Ao iniciar este estágio com o meu par, a nossa ideia para este projeto manteve-se na aprendizagem pela experiência e pela exploração. Sendo assim, o nosso objetivo principal, continuou a centrar-se no facto das crianças conseguirem explorar e vivenciar aquilo a que não tenham acesso facilmente ou regularmente.

Em conversa informal com a educadora cooperante, a mesma, sugeriu o tema que gostaria que trabalhássemos nas semanas de intervenção, pois era o tema que esta iria abordar. Deste modo, o nosso projeto foi criado e fundamentado com base no tema proposto, este foi ao encontro do que abordámos no estágio passado.

A partir desse momento pudemos começar a elaborar as nossas atividades tendo em conta os respetivos objetivos. Assim sendo, o nosso projeto tem então como base a exploração da diversidade do reino animal, uma temática que está inserida no projeto sala, fazendo parte dos conteúdos a lecionar pela docente.

Os animais têm uma grande importância no mundo quotidiano das crianças, seja pela sua presença através de histórias, desenhos animados ou vivências do dia a dia e em vista disso a criança possui um carácter de identificação das suas vivências pessoais e sociais. Através do projeto, o grupo de crianças, chegará à conclusão de que deve respeitar todos os animais, pois estes são seres vivos importantes para o nosso planeta e para o ser humano, como elementos da Natureza.

Desta forma, o nosso projeto intitulou-se de “À descoberta do reino animal” e destinou-se a um público-alvo pertencente a uma IPSS no distrito de Santarém, mais precisamente na valência de Pré-Escolar.

Objetivos gerais do projeto

- Dar a conhecer o reino animal;
- Identificar os diferentes animais existentes, e saber classificá-los quanto à classe a que pertencem;
- Identificar a função das características físicas existentes nos diversos animais;
- Conhecer o seu habitat, características do mesmo e saber classificar os animais de acordo com ele.

Avaliação

Relativamente à avaliação do projeto, decidimos que a mesma ia ser feita através de observação direta, registo fotográfico / filmagens do processo, audição das opiniões das crianças e da educadora. Utilizámos como ferramenta de auxílio grelhas de avaliação,

observação, de envolvimento e bem-estar (Segundo a tabela de Laevers) das crianças nas atividades.

No final da implementação do projeto, foi-nos possível verificar que o grupo correspondeu às expectativas, dado que se envolveu em todas as aulas lecionadas, atividades propostas e realizadas, sendo capaz de atingir todos os objetivos pretendidos.

2.4. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “À descoberta do reino animal”

Objetivos gerais das atividades

- 1.ª Semana de Intervenção

Objetivos	Atividades
• Dar conhecer o reino animal; • Rever os conteúdos de <, > e =; • Promover o raciocínio lógico.	“Sou maior, menor ou igual?”
• Dar a conhecer as características das aves; • Verificar que os animais apresentam características próprias, únicas e podem ser agrupados segundo diferentes critérios; • Promover a exploração de diferentes texturas.	“Sou um Pinguim!”
• Desenvolver a linguagem e articulação das palavras; • Trabalhar com conceito de vogal e consoante; • Promover o trabalho colaborativo.	“Jogo – Que ave sou eu?”
• Dar a conhecer os elementos que compõe o ramo da espiga; • Dar significado às flores do ramo da espiga.	“Dia da espiga – Afinal as flores têm significado!”
• Promover o conteúdo das vogais; • Desenvolver o raciocínio lógico.	“O código das vogais.”

Tabela 2 - Objetivos gerais da 1.ª semana de intervenção

- 2.ª Semana de Intervenção

Objetivos	Atividades
• Desenvolver a motricidade fina; • Promover a contagem de elementos; • Trabalhar os numerais; • Relembrar as características da classe dos peixes.	“Quantos somos no mar?”
• Desenvolver a linguagem e a articulação das palavras;	

• Respeitar as regras da biblioteca; • Relembrar as características da classe dos peixes; • Desenvolver o pensamento crítico.	“História – O peixinho arco-íris.”
• Desenvolver a motricidade fina; • Experimentar as possibilidades expressivas da cor e aplicá-las à produção de obras plásticas sobre o suporte; • Relembrar as características da classe dos peixes.	“Dobra-me e descobre o que sou.”
• Dar a conhecer os elementos que compõe o ramo da espiga; • Dar significado às flores do ramo da espiga.	“Se eu for uma vogal, pinta-me.”
• Promover o conteúdo das vogais; • Desenvolver o raciocínio lógico.	“O meu aquário.”
• Conhecer e compreender as diferentes características entre os seres vivos; • Identificar as diferentes classes; • Desenvolver a motricidade fina; • Dar a conhecer o esqueleto dos peixes.	“Como é o meu esqueleto? – Grafismo”
• Explorar materiais alternativos, para desenvolver as aprendizagens; • Desenvolver a motricidade fina; • Promover o raciocínio lógico; • Desenvolver o conteúdo das formas geométricas.	“És capaz de me construir juntando formas geométricas?”

Tabela 3 - Objetivos gerais das atividades da 2.ª semana

• 3.ª Semana de Intervenção

Objetivos	Atividades
• Consolidar os conteúdos lecionados, ao longo do tempo, através da realização de uma ficha de trabalho; • Rever as características dos peixes; • Verificar que os animais apresentam características próprias, únicas e podem ser agrupados segundo diferentes critérios.	“Quais são as minhas características?”
• Respeitar as regras da biblioteca; • Relembrar as características da classe dos peixes; • Desenvolver o pensamento crítico; • Valorizar normas de convivência em grupo.	“História – A escola do mar.”

• Conhecer e compreender as diferentes características entre os seres vivos; • Desenvolver a linguagem e a articulação das palavras; • Desenvolver o sentido rítmico; • Promover a dicção e a aquisição de vocabulário.	“Lengalenga – Os segredos do fundo do mar.”
• Conhecer e compreender as diferentes características entre os seres vivos; • Identificar as diferentes classes; • Desenvolver a motricidade fina; • Desenvolver a linguagem e a articulação das palavras.	“O mergulhador quer chegar aos tubarões – Grafismo”
• Consolidar os conteúdos lecionados, ao longo do tempo, através da realização de uma ficha de trabalho; • Desenvolver a motricidade fina; • Sistematizar da classe dos peixes; • Experimentar as possibilidades expressivas da cor e aplicá-las à produção de obras plásticas sobre o suporte.	“O tubaronete.”

Tabela 4 - Objetivos gerais das atividades da 3.ª semana

• 4.ª Semana de Intervenção

Objetivos	Atividades
• Desenvolver a linguagem e a articulação das palavras; • Respeitar as regras da biblioteca; • Dar a conhecer as características da classe dos insetos.	“História – A casa da mosca fosca.”
• Dar a conhecer as características das aves; • Verificar que os animais apresentam características próprias, únicas e podem ser agrupados segundo diferentes critérios; • Promover a exploração de diferentes texturas.	“Utilizando as letras móveis, constrói a palavra mosca, relembra-te da história e desenha-a.”
• Desenvolver a linguagem e articulação das palavras; • Trabalhar com conceito de vogal e consoante; • Promover o trabalho colaborativo.	“Constrói o meu ciclo de vida! – Mosca”
• Dar a conhecer os elementos que compõe o ramo da espiga; • Dar significado às flores do ramo da espiga.	“Conta as vezes que a mosca pousou na flor e utiliza os numerais.”

Tabela 5 - Objetivos gerais das atividades da 4.ª semana

• 5.ª Semana de Intervenção

Objetivos	Atividades
• Dar conhecer o reino animal; • Respeitar as regras da biblioteca; • Rever as características da classe dos insetos; • Desenvolver o pensamento crítico.	“História – A lagartinha muito comilona.”
• Consolidar os conteúdos lecionados, ao longo do tempo, através da realização de uma ficha de trabalho; • Sistematizar a classe dos insetos; • Promover a picotagem.	“Constrói a mosca fosca.”
• Verificar que os animais apresentam características próprias, únicas e podem ser agrupados segundo diferentes critérios; • Experimentar as possibilidades expressivas da cor e aplicá-las à produção de obras plásticas sobre o suporte.	“Vamos rever as minhas características.”
• Desenvolver a motricidade fina; • Relembrar o ciclo de vida dos insetos; • Sistematizar as características da classe dos insetos; • Promover a picotagem.	“Constrói o meu ciclo de vida! – Borboleta!”
• Adquirir a capacidade de convivência em grupo; • Conhecer e compreender as diferentes características entre os seres vivos; • Identificar as diferentes classes; • Rever o ciclo de vida dos insetos.	“O meu percurso até me transformar em borboleta. – Grafismo.”

Tabela 6 - Objetivos gerais das atividades da 5.ª semana

• 6.ª Semana de Intervenção

Objetivos	Atividades
• Verificar que os animais apresentam características próprias, únicas e podem ser agrupados segundo diferentes critérios; • Dar a conhecer as características dos répteis; • Experimentar as possibilidades expressivas da cor e aplicá-las à produção de obras plásticas sobre o suporte.	“Quais são as minhas características?”
• Desenvolver a linguagem e a articulação das palavras;	

• Respeitar as regras da biblioteca; • Desenvolver o pensamento crítico.	“História – O crocodilo que não gostava de água.”
• Desenvolver a linguagem e a articulação das palavras; • Desenvolver o sentido rítmico; • Promover a dicção e a aquisição de vocabulário.	“Lengalenga – Lagarto Pintado.”
• Desenvolver a motricidade fina; • Sistematizar as características dos reptéis; • Experimentar as possibilidades expressivas da cor e aplicá-las à produção de obras plásticas sobre o suporte; • Promover o manuseamento da tesoura.	“O crocodilo Danilo.”

Tabela 7 - Objetivos gerais das atividades da 6.ª semana

No decorrer da prática supervisionada em Jardim de Infância foram implementadas diversas atividades no âmbito do projeto pedagógico elaborado, no entanto destaco, de seguida, as atividades que o grupo mais gostou:

Atividade: “És capaz de me construir juntando formas geométricas?”

Para iniciar a aula, dos conteúdos matemáticos, comecei por dar, a cada criança, um tangram e pedir que contassem as peças, para se certificarem de que todos estavam completos.

De seguida, pedi-lhes que dissessem a designação de cada peça que compõe o tangram.

Posto isto, pedi ao grupo para me seguir no processo de construção para que todos conseguissem construir um peixe. Assim sendo, realizei a explicação de como se constrói-a um peixe, utilizando aquelas formas geométricas, mas numa escala maior.

Por fim, quando todas as crianças conseguiram construir o seu peixe, distribui uma ficha de trabalho onde constava a imagem de um peixe construído em tangram.

No decorrer da atividade foi perceptível o entusiasmo e a curiosidade do grupo, pois queriam muito descobrir o que era possível representar através das peças do tangram. E no final, os alunos demonstraram-se espantados e surpreendidos por terem conseguido construir um peixe.

Área de conteúdo: Área da Expressão e Comunicação - Domínio da Matemática



Figura 5-Explicação da atividade



Figura 6-Construção de um peixe com as peças do tangram

Atividade: “O crocodilo Danilo”

Para iniciar a proposta, e como forma de acalmar o grupo, pedi às crianças que repetissem a lengalenga “Lagarto pintado” que tinham aprendido no contexto de outra atividade, do dia anterior.

Seguidamente, dei a cada criança um pedaço de caixa de ovos (já previamente cortadas) e pedi-lhes que pintassem de verde. Enquanto as caixas secavam pedi-lhes que fossem buscar as suas tesouras e que recortassem o molde da cauda do crocodilo (previamente desenhados na cartolina).

Posto isto, chamei individualmente cada aluno e em conjunto colámos as restantes partes do corpo ao pedaço da caixa de ovos, isto é, a boca, os dentes, os olhos, as patas e a cauda.

Por fim, construímos um placar com todos os crocodilos Danilos.

No decorrer da atividade, todas as crianças revelaram bastante interesse e empenho na elaboração do crocodilo.

Área de conteúdo: Área da Expressão e Comunicação – Domínio das Expressões – Expressão Plástica



Figura 7- Pintura do crocodilo Danilo



Figura 8-Colagem do crocodilo Danilo



Figura 9-Placar dos crocodilos Danilos

3. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico – 1.º e 2.º ano

A Prática de Ensino Supervisionada no 1.º CEB, decorreu entre 18 de novembro de 2021 a 21 de janeiro de 2022, numa turma do 1.º ano, na instituição B.

3.1. Caraterização da instituição

A instituição B, onde realizei o meu terceiro estágio, foi uma instituição da rede pública, situada em Santarém.

A escola é suportada por um edifício do tipo plano centenário, a funcionar desde 1892, tendo sido entregue ao Ministério da Educação em 1949. O presente estabelecimento educacional funciona como rede de ensino público, contendo apenas a valência de 1.º Ciclo do Ensino Básico, com seis turmas do 1.º ao 4.º ano de escolaridade. O corpo docente apresenta-se estruturado segundo as suas especificidades e é composto por seis professores titulares de turma.

No que diz respeito aos aspetos físicos e materiais da instituição, estamos perante um edifício com dois pisos, ligados entre si por uma escadaria principal. No primeiro piso encontram-se quatro salas, dos 1.º, 2.º e 3.º anos e no piso superior encontram-se as restantes duas salas que pertencem às duas turmas do 4.º ano.

Na parte exterior da escola podemos encontrar as casas de banho, num pátio semicoberto e amplo à volta da escola, incluindo um campo médio de futebol semiverdade. No outro extremo da escola, podemos encontrar uma mesa com bancos de pedra e um parque com baloiços. Deparamo-nos ainda, ao longo do recinto da escola, com várias árvores e piso de terra. Ainda no exterior, está situado um contentor que contempla uma pequena cozinha e um pequeno salão com o efeito de servir de refeitório.

A cozinha e os serviços de limpeza fazem parte dos serviços gerais. De igual forma, existem duas pessoas responsáveis por receber/abrir a porta a quem pretenda entrar na presente instituição, atender as chamadas telefónicas e prestar auxílio às crianças que se magoam durante e fora da hora do intervalo, assim como, auxiliar as docentes sempre que necessitam de algum trabalho, como por exemplo ir buscar as fotocópias à impressora ou entrar em contacto com os encarregados de educação.

No primeiro tempo, vai uma auxiliar a todas as salas de aula para confirmar o número de alunos presente, permitindo-lhe assim saber quem bebe leite e almoça na escola. O refeitório funciona por vários turnos, onde são servidos os almoços a horas previamente estipuladas.

As atividades letivas iniciam às 9h00 e terminam às 15h30, procedendo-lhes as Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), que têm início às 16h00 e fim às 17h00,

terminando assim, o período de extensão curricular. O estabelecimento encerra por volta das 18h00.

É importante referir que, em alguns casos, nomeadamente nas turmas de 3.º e 4.º ano, os alunos têm inglês, alterando assim o horário das atividades letivas para mais uma hora dois dias por semana.

3.2. Projeto educativo

A instituição B é uma escola que se localiza no concelho de Santarém, sendo esta escola uma das quatro que acolhe maior número de alunos.

O Projeto Educativo, pretende promover uma educação para a excelência numa perspetiva crítica, ética e responsável de abertura para o mundo aliado à tradição cultural e à capacidade de inovação, preparando cada indivíduo para se compreender a si mesmo e ao outro, através de um melhor conhecimento do mundo.

Desta forma, “deverá ser entendido com um contributo para afirmar a diferença, descobrir os fundamentos da nossa cultura, estimular a emergência de uma cidadania adaptada às novas exigências, reforçar a solidariedade de grupo, estabelecer o diálogo edificante e pontes que nos levem ao encontro com o outro e promover um novo humanismo que a educação deve ajudar a edificar com uma componente ética incontornável”.

A Escola Sede do Agrupamento foi integrada na Rede de Escolas Associadas da UNESCO em 1994, fazendo com que as Escolas Associadas centrem as suas atividades em temas como:

- A educação para a paz, os direitos humanos, a democracia e a tolerância;
- O papel das Nações Unidas e a sua ação na resolução dos problemas mundiais;
- A proteção e a preservação do ambiente natural e do património mundial;
- A diversidade cultural do Mundo Uno;
- A solidariedade para com as vítimas da violência e das catástrofes sociais e ecológicas;
- Os Media e as novas tecnologias de informação.

Assim, o Agrupamento tem como missão “dotar as crianças e os jovens, em sinergia com a comunidade de saberes e competências, valorizando o conhecimento, a importância da aprendizagem ao longo da vida, a autonomia, o sentido de responsabilidade, o espírito criativo e empreendedor e a dimensão colaborativa, promotores de uma cidadania ativa e responsável”.

3.3. Caraterização da sala

No que diz respeito à sala onde estagiei, esta pertencia a uma turma do 1.º ano. Considerei que a mesma, possui equipamentos suficientes para um bom funcionamento de sala de aula, na medida em que contém: dois armários para organização do material da professora e da sala de aula; um móvel com material dos alunos (desde dossiers, cadernos e

materiais escolares); placares de cortiça, onde se encontram afixados trabalhos realizados pelos alunos; um quadro de ardósia (que serve apenas como placar, onde por vezes são afixados os trabalhos dos alunos); um quadro interativo e diversas mesas/cadeiras; e ao lado de casa mesa, numa caixa, o material individual do aluno.

Para além do que já foi referido, é possível encontrar um computador que apenas é utilizado pela docente, sendo na minha opinião, uma das necessidades da escola, oferecer oportunidades tecnológicas aos seus alunos, uma vez que são escassas. A sala conta ainda, com uma boa iluminação natural e com uma temperatura amena, visto que, dispõe de várias janelas e de um sistema de ar condicionado.

É importante ainda salientar, que a disposição do quadro de ardósia não é a mais indicada, pois situa-se atrás dos alunos, no lado oposto ao quadro interativo, o que dificulta a utilização do mesmo, pois sempre que é necessário, por exemplo, projetar algo no quadro interativo, a docente tem que apagar o que está escrito.

3.4. Caraterização do grupo

A turma 28, do 1.º ano, da instituição B é constituída por 19 alunos, 9 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 5 e os 7 anos.

Quanto ao quadro de docência existente, para que as aprendizagens sejam efetuadas com sucesso, existe uma professora titular de turma, uma professora de apoio que assegura alguns elementos da turma, duas vezes por semana, com o objetivo de fazer um apoio mais específico, pormenorizado e centrado nos alunos que apresentam maior dificuldade na aquisição dos conhecimentos num determinado conteúdo, e ainda os professores referentes às respetivas AEC.

Dos 19 alunos que compõem a turma, uma das crianças apresenta uma condição de NE, neste caso Síndrome de Down.

A turma é constituída por alunos de nacionalidade portuguesa, e no que se refere, ao percurso anterior da turma, a maioria dos alunos frequentou o ensino Pré-Escolar.

Existem alguns alunos que se deslocam a pé para a escola, acompanhados pelo encarregado de educação, em virtude de residirem bastante próximos da mesma, e os restantes efetuam o percurso de casa-escola de carro.

A minha observação e intervenção ao longo do período de estágio, possibilitou-me caracterizar a turma e selecionar alguns pontos fortes e pontos fracos da mesma. Estes são:

- É uma turma composta por alunos que manifestam interesse em aprender, no entanto, existe alunos que apresentam alguma dificuldade na atenção/concentração e autodisciplina;
- Por vezes nota-se diferença entre os níveis e ritmos de trabalho dos alunos;

- No que diz respeito ao cumprimento de regras e à organização nas intervenções, constatei que é uma turma que já tem bem presentes as regras de uma sala de aula, fazendo sempre as suas intervenções de uma forma coordenada e organizada.

A turma 28 é bastante heterogénea, uma vez que, alguns alunos apresentavam algumas dificuldades a nível da Matemática, enquanto outros alunos apresentavam mais dificuldade a nível do português, sendo que as áreas prediletas da turma são, sem dúvida, estudo do meio e expressões. É importante ainda referir que existia o aluno com NE que tinha uma planificação adaptada à sua condição.

Em relação à matemática, alguns alunos apresentavam maiores dificuldades no conteúdo da subtração, enquanto no português, alguns alunos confundiam as consoantes e tinham dificuldades em relacionar o grafema ao fonema.

De facto, é bastante importante caracterizar a turma e os alunos que a compõem, sendo decisivo e determinante no que diz respeito à aplicação dos diversos recursos educativos, metodologias, estratégias e atividades disponíveis e possíveis, de modo que os alunos aprendam e desenvolvam as suas competências, cumpram e superem os resultados esperados. Todos os alunos são diferentes e cabe ao professor arranjar estratégias/metodologias capazes de satisfazer as necessidades do grupo.

Percebi ainda, que a criança ao apropriar-se da rotina, será capaz de, autonomamente, perseguir os seus interesses, fazer escolhas, tomar decisões e resolver problemas, consoante os acontecimentos que vão surgindo.

Nas semanas de observação consegui verificar a rotina das crianças, e assim, planejar, planificar e implementar as atividades do projeto de acordo com a rotina da turma.

3.5. Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio

A passagem do Pré-Escolar para o 1.º Ciclo, pode ser vista, muitas das vezes, como uma passagem muito forte, marcante e até mesmo chocante, para os alunos. Desta forma, é importante que desde a fase de iniciação do Ensino Básico, os alunos encontrem interesse, possibilitando na sua aprendizagem, uma tarefa enriquecedora e vantajosa para as mesmas, contribuindo para o seu desenvolvimento. A motivação é, sem dúvida, uma dimensão fulcral, que deve estar sempre associada ao processo de ensino-aprendizagem. Um aluno que se encontre motivado, apresentará vontade e disposição para aprender autonomamente.

Ao falar de motivação, é impossível não mencionar conceitos como motivação extrínseca e motivação intrínseca: *“A motivação extrínseca (de fora para dentro) refere-se à valorização de elementos externos como elogios, notas, prémios, entre outros. A motivação intrínseca (de dentro para fora) refere-se à vontade de aprender e buscar soluções para os*

problemas, a escolha e a realização das tarefas que sejam atraentes e desafiadoras.” (Mahomed, S., 2018).

Desta forma, Martins, A. (2011), defende que é na motivação intrínseca que *“surgem as atividades ou tarefas sem esperar recompensas ou prémios, já que a própria atividade, por si só, é a recompensa”*. A autora refere ainda que, isto não significa que o professor deve excluir totalmente a recompensa em determinadas situações, pois muitos pais utilizam esta técnica em casa como *“reforço positivo”*, mostrando assim que as duas classes de motivação são relevantes na educação.

São vários os agentes motivadores na sala de aula, tais como: a **comunicação**, visto que é através da mesma que conseguimos expor certas vontades e desejos; **a postura do professor**, que está diretamente relacionada com a linguagem corporal e o que consegue transmitir através da mesma; as **estratégias e atividades** adotadas pelo docente, pois *“devemos fornecer, proporcionar momentos didáticos, lúdicos e com consistência, de modo a que os nossos alunos, possam desenvolver-se tanto a nível pessoal como social.”* Martins, A. (2011).

Neste sentido, o docente deve privilegiar aspetos como a criatividade, gosto em aprender e cooperação no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que os mesmos vão contribuir significativamente para a aprendizagem do aluno e, conseqüentemente, para o sucesso escolar do mesmo.

De acordo com a Unicef, o artigo 12.º da Convenção dos Direitos da Criança, remete para a importância das crianças participarem como sujeitos ativos, consideradas pessoas com o direito de se expressarem livremente, fazendo com que as suas opiniões sejam ouvidas. Assim, é importante que o professor coloque a criança no centro de todo o processo de ensino-aprendizagem, ouvindo-as para conseguir compreendê-las e interagir mediante os seus interesses. Desta forma, *“a criança deve ter um papel ativo na construção dos seus saberes, colocando em prática a sua iniciativa criativa abdicando-se da ideia de receber as aprendizagens passivamente pelo docente.”* Campos, I. (2016).

Em suma, é importante realçar que todos os tipos de comportamentos envolvem a motivação, seja ao nível de sentimentos, aprendizagens, atenção, pensamento e criatividade, tornando-se necessário que o professor crie estratégias para motivar os seus alunos, agindo sempre de acordo com os interesses e necessidades dos mesmos, refletindo assim, uma aprendizagem muito mais motivadora e enriquecedora.

Posto isto, eu e o meu par de estágio, criámos um projeto intitulado de *“A brincar também aprendemos”*, onde destacamos a importância de motivar/incentivar através do *“brincar”*. Os alunos desde o primeiro contato com o ensino, devem tornar-se confiantes e autónomos no seu processo de ensino-aprendizagem, pois, tal como foi referido no Projeto

da instituição, um dos princípios orientadores do agrupamento, prende-se com “capacitar os alunos de mecanismos que visem a procura autónoma e contínua do saber e de competências que levem ao Saber Fazer, Saber Ser e Saber Estar”.

Avaliação

Relativamente à avaliação do projeto, decidimos que a mesma ia ser feita através de observação direta, registos fotográficos, sendo que nos momentos de avaliação sumativa utilizámos como ferramenta de auxílio grelhas de avaliação e observação.

No final da implementação do projeto, foi-nos possível verificar que o grupo correspondeu às expectativas, dado que se envolveu em todas as aulas lecionadas e atividades propostas e realizadas, sendo capaz de atingir todos os objetivos pretendidos. Podemos também observá-lo através dos resultados obtidos pelo grupo nas avaliações sumativas, dado que os mesmos foram um reflexo da nossa intervenção.

3.6. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “A brincar também aprendemos”

Atividade: “O jogo da alimentação”

Objetivos:

- Reconhecer o conceito de saúde;
- Identificar os alimentos que deve comer em maior e menor quantidade;
- Identificar os fatores que concorrem para o bem-estar físico e psicológico, individual e coletivo, desenvolvendo rotinas diárias de higiene pessoal e alimentar.

Descrição da atividade:

A atividade “O jogo da alimentação” foi dinamizada no âmbito do projeto, desenvolvido no período de estágio, intitulado “A brincar também aprendemos”.

Para dar continuidade à abordagem ao conteúdo “A saúde do teu corpo”, na aula de estudo do meio comecei com um diálogo, de modo a informar que o dragãozinho do estudo do meio enviou um jogo muito divertido para a turma realizar.

Posto isto, comecei por recordar os cuidados que devemos ter com o nosso corpo, utilizando o cartaz realizado na aula passada. Quando foram mencionados todos os cuidados, salientei o cuidado de ter uma alimentação saudável e realizei as seguintes questões:

- O que é para vocês uma alimentação saudável?
- Acham que podemos comer todos os alimentos com as mesmas porções?
- Entre outras.

Após este diálogo, iniciei a explicação do jogo da alimentação. Durante essa explicação, fui colocando no quadro vários alimentos e numa mesa coloquei uma caixa, onde de um lado os alunos colocaram os alimentos saudáveis e do outro os não saudáveis. Existiram alimentos suficientes para que todos os alunos pudessem participar no jogo e pôr

em prática os conhecimentos que adquiriram. Para terminar, tirei os alimentos, um a um, da caixa e a turma confirmou se estavam colocados corretamente ou não.

Com a realização desta atividade constatei que os alunos desta turma compreenderam a diferença de alimentos saudáveis e não saudáveis, na medida em que compreenderam a importância de termos em atenção as porções que comemos de cada alimento.

Durante a atividade, a turma demonstrou muito empenho e alegria na realização do jogo, tendo colocado corretamente todos os alimentos. No final, pediram para o jogo ser realizado mais vezes.



Figura 10-Explicação do jogo da alimentação



Figura 11-Execução do jogo da alimentação

Atividade: “As roletas mágicas”

Objetivos:

- Reconhecer e memorizar factos básicos da adição e subtração;
- Resolver operações de subtração com e sem recurso a material concreto;
- Conceber e aplicar estratégias na resolução de problemas com números naturais em contextos matemáticos.

Descrição da atividade:

A atividade “As roletas mágicas”, inserida na área de conteúdo números e operações: números naturais, adições e subtrações, ainda que parece simples, foi das atividades mais referidas e adoradas pelos alunos. Esta atividade também se encontra inserida no projeto desenvolvido em contexto de estágio.

Na aula de matemática perguntei, à turma, se eles sabiam qual era o dragãozinho que estava à porta pronto para entrar. De seguida, informei que o dragãozinho tinha enviado um jogo muito divertido para eles realizarem. Assim sendo, comecei por colar duas roletas (numeradas de 0 a 9) no quadro, no meio destas coloquei o sinal de “-” e no final o sinal de “=”.

Posto isto, chamei um aluno para vir rodar as duas roletas e resolver a subtração que lhe calhou. No final, deste aluno resolver a subtração informei a turma que devem passar os cálculos para o caderno diário.

Neste sentido, repeti o processo, acima descrito, diversas vezes para trabalhar a subtração. E fiz o mesmo para a adição, mas utilizando apenas uma roleta (que representou

a 1.^a parcela) e o número da 2.^a parcela foi dito pela mesma, ou seja, nesta operação os alunos apenas rodaram uma roleta.

Repeti várias vezes este dois processos até participarem todos os alunos.

Esta atividade foi muito bem conseguida, dado que promoveu a resolução de cálculos matemáticos, de forma lúdica e divertida, e a cooperação entre o grupo.



Figura 12-Roletas mágicas



Figura 13-Transcrição dos cálculos

4. Prática de Ensino Supervisionada no 1.º Ciclo do Ensino Básico – 3.º e 4.º ano

A Prática de Ensino Supervisionada no 1.º CEB, decorreu entre 28 de abril de 2022 a 03 de junho de 2022, numa sala de aula do 4.º ano de escolaridade, na instituição C.

4.1. Caraterização da instituição

A instituição C, onde realizei o meu último estágio, é uma instituição da rede pública, situada em Santarém.

A escola é suportada por um edifício de construção anterior a 2000, tendo, entretanto, beneficiado de intervenções no sentido de adaptar os espaços para as necessidades atuais.

O presente estabelecimento educacional funciona como rede de ensino público, contendo a valência de Pré-Escolar e de 1.º Ciclo do Ensino Básico, com duas turmas de Jardim de Infância e sete turmas do 1.º ao 4.º ano de escolaridade. O corpo docente apresenta-se estruturado segundo as suas especificidades e é composto por dois educadores e infância e sete professores titulares de turma.

No que diz respeito aos aspetos físicos e materiais da instituição, estamos perante um edifício com dois pisos, ligados entre si por uma escadaria principal e um elevador. No primeiro piso encontram-se as salas de aulas, dos 1.º, 2.º e 3.º anos, a sala de professores, as casas de banho do corpo docente e não docente, a arrumação e o ginásio. No piso inferior encontram-se as casas de banho, o refeitório e as restantes quatro salas, que pertencem duas ao 4.ºano, e as outras duas ao Pré-Escolar.

Na parte exterior da escola, um campo médio de futebol vedado, uma mesa com bancos de pedra e um parque de baloiços. Deparei-me ainda, ao longo do recinto da escola, com várias árvores.

A cozinha e os serviços de limpeza fazem parte dos Serviços Gerais. De igual forma, existem duas pessoas responsáveis por receber/abrir a porta a quem queira entrar na presente instituição, atender as chamadas telefónicas e prestar auxílio às crianças que se magoam durante e fora da hora do intervalo, assim como, auxiliar as docentes sempre que necessitam de algum trabalho, como por exemplo ir buscar as fotocópias à impressora ou entrar em contacto com os encarregados de educação.

No primeiro tempo, vai uma auxiliar a todas as salas de aula para confirmar o número de alunos presente, permitindo-lhe assim saber quem bebe leite e almoça na escola. O refeitório funciona por vários turnos, onde são servidos os almoços a horas previamente estipuladas.

As atividades letivas iniciam às 9h00 e terminam às 15h30, procedendo-lhes as Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), que têm início às 16h00 e fim às 17h00, terminando assim, o período de extensão curricular. O estabelecimento encerra por volta das 18h00.

É importante referir que, em alguns casos, nomeadamente nas turmas de 3.º e 4.º anos, os alunos têm inglês, alterando assim o horário das atividades letivas para mais uma hora dois dias por semana.

Como já referi, a instituição C é uma das quatro que acolhe maior número de alunos.

4.2. Projeto educativo

O Projeto Educativo pretende promover uma educação para a excelência numa perspetiva crítica, ética e responsável de abertura para o mundo aliada à tradição cultural e à capacidade de inovação, preparando cada indivíduo para se compreender a si mesmo e ao outro, através de um melhor conhecimento do mundo. Este tenciona também ser uma escola de vanguarda e referência, com imagem dignificada e divulgada, na qual se desenvolvem literacias e inteligências diversas, bem como múltiplas competências, princípios e valores.

Desta forma, tem como missão “formar cidadãos aptos e produtivos, capazes de optar pela progressão de estudos ou pela integração na vida ativa, por terem frequentado uma Escola onde se aprende a Aprender, a Fazer, a Estar e a Ser, através do Saber.”.

A oferta educativa e formativa do Agrupamento pretende dar resposta às necessidades reveladas pelos alunos, através de projetos próprios e de percursos curriculares diversificados, nos termos da legislação em vigor, bem como às necessidades socioeducativas da sociedade atual que se revelam na família e no meio de onde provêm os alunos.

Relativamente aos princípios e valores, este considera que a escola deve ser um espaço onde todos tenham lugar, através de um percurso de crescimento e aprendizagem sequencial, fundamentado e articulado, necessitando de encontrar formas diferenciadas de resposta para os problemas da sociedade contemporânea que para ela convergem, sem esquecer o papel transformador da sua ação educativa e formativa.

Para tal, deve reger-se por valores universais e humanistas de cidadania, liberdade, solidariedade, integridade, respeito e aceitação do outro e das suas diferenças.

- Empreendedorismo e proatividade, porque o mundo está em rápida mudança;
- Exigência e qualidade, porque queremos o melhor;
- Equidade e pluralismo, porque não somos todos iguais;
- Espírito de equipa e sentido de pertença, porque juntos fazemos melhor e conseguimos mais;
- Partilha e cooperação, porque uns com os outros aprendemos mais facilmente;
- Sustentabilidade e responsabilidade, porque o futuro depende da construção consciente do que fazemos hoje.

4.3. Caraterização da sala

No que diz respeito à sala onde estagiei, sala da turma do 4.º ano. Considero que a mesma, possui equipamentos suficientes para um bom funcionamento de sala de aula, na medida em que contém: um grande armário para organização do material da professora e da sala de aula; uma mesa com material dos alunos (desde dossiers, cadernos e materiais escolares); placares de cortiça onde se encontram afixados trabalhos realizados pelos alunos; um quadro de ardósia; dois computadores; um quadro interativo e diversas mesas/cadeiras.

Para além do que já foi referido, é possível encontrar dois computadores, que são utilizados pela docente e pelos alunos quando necessário. Sendo, na nossa opinião, uma das necessidades da escola, oferecer oportunidades tecnológicas aos seus alunos, uma vez que são escassas. A sala conta ainda, com uma boa iluminação natural e com uma temperatura amena, visto que, dispõe de várias janelas e de um sistema de ar condicionado.

É importante ainda salientar, que a disposição do quadro de ardósia ao lado do quadro interativo é uma mais-valia, visto que facilita a utilização dos mesmos, pois sempre que é necessário por exemplo projetar algo no quadro interativo, a docente pode utilizar o outro quadro como auxílio.

4.4. Caraterização do grupo

A turma 6, do 4.º ano, da instituição C é constituída por 22 alunos, 14 do sexo masculino e 8 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos.

Quanto ao quadro de docência existente, para que as aprendizagens sejam efetuadas com sucesso, existe uma professora titular de turma, uma professora de apoio que assegura alguns elementos da turma duas vezes por semana, com o objetivo de fazer um apoio mais específico, pormenorizado e centrado nos alunos que apresentam maior dificuldade na aquisição dos conhecimentos num determinado conteúdo, e ainda os professores referentes às respetivas AEC.

Dos 22 alunos que compõem a turma, sete têm apoio educativo, sendo que nenhum apresenta NE. Existe um aluno que apresenta dificuldades de atenção e hiperatividade, deste modo está a ser controlado com medicação e apoio psicológico fora da escola.

A turma é constituída por alunos de nacionalidade portuguesa, ucraniana, brasileira, angolana e espanhola e no que se refere, ao percurso anterior da turma, a maioria dos alunos frequenta a mesma turma desde o 1.º ano. O aluno com nacionalidade ucraniana apesar de acompanhar todos os conteúdos, apresenta grandes dificuldades, e por isso, tem vários apoios por semana.

Existem alguns alunos que se deslocam a pé para a escola, acompanhados pelo encarregado de educação ou sozinhos, em virtude de residirem bastante próximos da mesma, e os restantes efetuam o percurso de casa-escola de carro.

Através da observação realizada ao longo do estágio e de conversas informais com a professora cooperante, foi permitido caracterizar-se a turma, sendo que, de uma forma geral. A turma apresentava pontos fortes, mais concretamente, relativos a aderir facilmente e com entusiasmo a propostas de atividades/projetos, a assiduidade e o respeito por outras culturas e tradições. Os encarregados de educação eram interessados e colaborativos na vida escolar dos estudantes.

De um modo geral, a turma revelou atitudes de extrema curiosidade, mostrando-se bastante participativa e com vontade de aprender, existindo alguns alunos que apresentaram dificuldades de aprendizagem e de respeito pelo próximo, bem como a acentuada falta de atenção, concentração e autodisciplina. Para além disso, existiam alunos que participavam mesmo sem terem o dedo no ar, ou às vezes tinham, mas não aguardavam pela sua vez de falar.

Os alunos demonstraram algumas dificuldades na área do português e da matemática. A área que mais gostavam era estudo do meio.

Na área do Português era notória a dificuldade na parte da oficina da escrita, sendo muitas vezes notórias as dificuldades na identificação de parágrafos, nos sinais de pontuação e na ortografia. Desse modo, ao longo das semanas de intervenção tentei redigir textos individuais e coletivos, sendo que a evolução foi notória e benéfica.

Na área da matemática os alunos tinham alguma dificuldade em interpretar problemas, ficando muitas vezes com dúvidas de qual o algoritmo que tinham de utilizar para conseguirem resolver o problema.

De um modo geral, a turma revelou-se trabalhadora e os alunos revelaram-se muito interessados, esforçados e empenhados.

De facto, é bastante importante caracterizar a turma e os alunos que a compõem, sendo decisivo e determinante, no que diz respeito à aplicação dos diversos recursos educativos, metodologias, estratégias e atividades disponíveis. Todos os alunos são diferentes e cabe ao professor arranjar estratégias/metodologias capazes de satisfazer as necessidades do grupo.

Percebi ainda, que a criança ao apropriar-se da rotina, será capaz de, autonomamente, perseguir os seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões, consoante os acontecimentos que vão surgindo.

4.5. Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio

Relativamente ao projeto de intervenção, ao longo da semana de observação, eu e o meu par tentámos sempre que possível interagir com os alunos e auxiliar a professora cooperante, com o objetivo de entendermos de uma forma mais próxima quais as necessidades, dificuldades e preferências da turma. É de salientar, que através deste contacto próximo, dos registos que fomos efetuando e, das conversas com a professora cooperante (durante e após o horário letivo), conseguimos identificar que estávamos perante uma turma, na sua maioria, muito conversadora, com alguma falta de atenção/ concentração e com alguns conflitos. Sendo assim, pensamos num projeto que fosse capaz de transmitir novos saberes e responsabilidades individuais, tendo em conta o seu bem-estar e dos outros, que promovesse o trabalho colaborativo, que levasse os alunos a perceberem que têm direitos e que perante os mesmos também existem deveres.

Desta forma, criámos um projeto intitulado de “A crescer como cidadão”, onde realçamos a importância da Educação para a Cidadania de modo a desenvolver competências que são espectáveis num estudante do século XXI. De acordo com a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (2017):

Enquanto processo educativo, a educação para a cidadania visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo. (p.1)

O projeto foi planeado para uma duração de 20 dias úteis (09 de maio a 03 de junho de 2022), ou seja, o período correspondente à nossa intervenção. Um dos temas a serem trabalhados são os **Direitos das Crianças**.

Com o presente projeto pretendemos apelar à reflexão e à ação sobre os problemas sentidos por cada um (de modo individual) e pela sociedade (de um modo coletivo) e, deste modo, contribuir para a formação de cidadãos responsáveis, autónomos, solidários, com espírito democrático, crítico e criativo e, consequentemente, torná-los agentes de mudança. Desta forma, Ferrito, C., Nunes, L., & Ruivo, M. (2010). salientam que o projeto “permite ao estudante adquirir conhecimento, não apenas com base na teoria apresentada em sala de aula, mas também trabalhando com problemas reais em contexto real e interagindo com as várias variantes que compõem esse mesmo contexto” (p.5).

Tem como referência uma proposta interdisciplinar e de modo a tornar mais ricas e significativas as aprendizagens dos alunos, sempre que possível, relacionamos os conteúdos das áreas do currículo do português, do estudo do meio, das artes visuais, música e da expressão dramática/teatro. Tendo como objetivos: promover o trabalho colaborativo; fomentar a reflexão sobre as atitudes a adotar perante os outros; conhecer e promover os direitos e os deveres das Crianças. Para conseguir atingir estes objetivos temos como estratégias proporcionar o trabalho colaborativo com diferentes membros da turma, desenvolver diálogos e realizar questões sobre algumas problemáticas e utilizar diversos recursos digitais.

Para sustentar o tema mencionado anteriormente, referimos questões orientadoras do tema do nosso projeto, sendo elas: “Qual a importância de formarmos alunos preocupados com o seu bem-estar e com o dos outros?”; “De que forma podemos ajudar os alunos a crescerem como cidadãos?” e “Como é que através dos conteúdos das áreas curriculares podemos articular esta temática?”.

Avaliação

Relativamente à avaliação do projeto, decidimos que a mesma ia ser feita através de observação direta, registos fotográficos, sendo que nos momentos de avaliação sumativa utilizámos como ferramenta de auxílio grelhas de avaliação e observação.

No final da implementação do projeto, foi-nos possível verificar que o grupo correspondeu às expectativas, dado que se envolveu em todas as aulas lecionadas e atividades propostas e realizadas, sendo capaz de atingir todos os objetivos pretendidos. Podemos também observá-lo através dos resultados obtidos pelo grupo nas avaliações sumativas, dado que os mesmos foram um reflexo da nossa intervenção.

4.6. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “A crescer como cidadão”

Atividade: “Mantinha da Europa”

A atividade apresentada foi desenvolvida, em contexto de estágio, no âmbito do projeto pedagógico intitulado “A crescer como cidadão”.

Objetivos:

- Integrar a linguagem das artes visuais, assim como várias técnicas de expressão;
- Escolher técnicas e materiais de acordo com a intenção expressiva das suas produções plásticas;
- Apreciar os seus trabalhos e os dos seus colegas, mobilizando diferentes critérios de argumentação.

Descrição da atividade:

De modo a dar continuidade ao tema trabalhado, na área do português - celebração do dia da Europa - o grupo construiu a “Mantinha da Europa”. Ou seja, realizou a construção de um mapa dos países que pertencem à União Europeia.

Desta forma, ao iniciar a aula perguntei qual foi o dia que tinham celebrado na segunda-feira e lembrei, com a ajuda da turma, algumas informações que tinham sido faladas.

Posto isto, entreguei a cada aluno o molde de um país da Europa e um pedaço de feltro. Depois, cada aluno passou esse molde para o feltro e recortou.

Quando terminaram de recortar, cada criança, veio ao papel de cenário procurar onde se situava, no mapa da Europa, o país que lhe tinha calhado e colou no sítio correto. O mapa da Europa estava delineado a lápis de carvão, no papel de cenário. E os pedaços de feltro tinham diversas cores para que fosse mais fácil identificar cada país.

No final, pedi aos alunos que escolhessem um título para o mapa que tinham acabado de construir e que ficou exposto no placar de cortiça da sala.

A maioria da turma considerou que esta atividade foi desafiadora e ao mesmo tempo fascinante, pois em colaboração uns com os outros foram capazes de colar corretamente todos os países e de construir o seu mapa da Europa.



Figura 14- Recorte dos países da Europa



Figura 15- Colagem dos países da Europa



Figura 16- Placar final da Mantinha da Europa

Atividade: “Jogo das pedrinhas”

A atividade abaixo descrita, também se encontra inserida no projeto desenvolvido em contexto de estágio, intitulado “A crescer como cidadão”, e foi uma das atividades que o grupo mais gostou e pediu para voltar a repetir assim que fosse possível.

Objetivos:

- Desenvolver habilidades motoras;
- Cooperar com os colegas nos jogos e exercícios, compreendendo e aplicando as regras combinadas na turma, bem como os princípios de cordialidade e respeito na relação com os colegas e com o professor;
- Participar com empenho no aperfeiçoamento da sua habilidade nos diferentes tipos de atividades, procurando realizar ações adequadas com correção e oportunidade.

Descrição da atividade:

Para iniciar esta aula, comecei por perguntar, à turma, se o intervalo tinha corrido bem. Após esta conversa, levei o grupo para o pátio exterior da escola. E expliquei-lhes que a aula ia ser dividida em dois momentos: 1.º o momento do aquecimento; 2.º o momento para jogarem o “jogo das pedrinhas”.

1.º momento:

Nesta 1.ª parte da aula decorreu o aquecimento. Momento onde o grupo teve a oportunidade de saltar com os pés juntos, rodar a cintura, os braços e os pulsos.

2.º momento:

Após o aquecimento, o grupo jogou o “Jogo das pedrinhas-Nível 1”, como este não era do conhecimento do grupo, realizei uma breve explicação e facultei a cada aluno um guião do jogo, onde estão explicadas todas as regras.

Quando terminei a explicação do jogo e esclareci todas as dúvidas, dividi a turma em 3 grupos e cada grupo teve acesso a um jogo desenhado no chão do pátio com as respectivas pedrinhas colocadas.

Este jogo foi realizado 1x por cada aluno, quando cada um terminava o jogo tinha de escrever no guião o número de pedrinhas que conseguiu apanhar. No final, os alunos regressaram à sala e cada grupo teve de contabilizar o número de pedrinhas apanhadas. Ganhou o grupo que conseguiu apanhar mais pedrinhas.



Figura 17- Guião "Jogo das pedrinhas"



Figura 18-Grupo a jogar ao "Jogo das pedrinhas"

5. Reflexão do percurso de desenvolvimento profissional

As crianças não vão à escola apenas para aprender e pronto, mas para construir conhecimentos em um sentido de aproximar-se do culturalmente estabelecido, mas também como “motor” do desenvolvimento do seu tempo, das suas capacidades e equilíbrio pessoal, da sua inserção social, da sua autoestima e relações interpessoais.

(Antunes, 2008, p.22)

A presente reflexão consiste numa análise crítica das aprendizagens e abordagens construídas ao longo do meu percurso de estágio que decorreu nas diversas instituições.

Os estágios de intervenção apresentam uma grande importância no nosso percurso de formação, pois é através do contacto direto com a realidade, que conseguimos lidar diretamente com os desafios da nossa futura profissão, bem como desenvolver atitudes, habilidades, competências individuais e coletivas que nos farão entender a importância do professor na vida de uma criança, tomando assim conhecimento da realidade escolar. Apesar de todas as adversidades que vivemos atualmente considero ser de extrema importância a realização do estágio, assim como contactar com um ensino em que tudo tem de ser adaptado tendo em conta as circunstâncias.

Assim sendo, posso constatar que o estágio é um processo fundamental na formação inicial de aprendizagem, tornando-se indispensável para o sucesso de um futuro profissional, uma vez que permite criar, observar e sentir o dia a dia dos alunos. Com a participação em diferentes contextos, este possibilita relacionar os conteúdos que são desenvolvidos na teoria (Unidades Curriculares) com as competências adquiridas através da prática, tornando assim a minha formação muito mais rica em experiências e vivências. Considero-me, uma profissional consciente e mais apta para a futura realidade que irei encontrar.

No que concerne à minha integração nas diversas instituições, esta foi bastante positiva, o que só tenho a agradecer a todo o corpo docente e não docente, por toda a disponibilidade e acolhimento, mostrando-se sempre disponíveis para ajudar a esclarecer qualquer dúvida que surgisse. Quanto ao meu papel, relacionei-me sempre com todos os intervenientes da instituição.

Através da observação realizada ao longo dos estágios e das conversas informais com as diferentes docentes cooperantes, foi-me permitindo caracterizar as turmas, sendo que, de forma geral. A partir daí perceber os seus pontos fortes e fracos.

No que se refere à disposição das carteiras, em contexto sala de aula, observei que tanto na turma de 1.º ano como na de 4.º ano, a sala estava dividida em três filas verticais, cada fila era constituída por cinco mesas e em cada mesa estavam, por norma, dois alunos.

Segundo Freitas (2008) é importante a questão da disposição das carteiras e das mesas no sentido que são fundamentais para contribuir com a aprendizagem de forma significativa. Elas devem mudar de posição de acordo com a aula que o professor planeia, atendendo aos seus objetivos e tendo em atenção a questão da interação com o outro e com os espaços. Assim sendo, há que planificar e gerir os espaços, na medida em que o ambiente de sala de aula é um poderoso fator que facilitará ou inibirá as aprendizagens e deverá estar organizado tendo em vista a atividade que se desenvolverá.

Desta forma, é fundamental que o professor seja capaz de organizar o espaço pedagógico, de forma a facilitar o contacto entre alunos, promovendo, também, atividades que deem abertura para o diálogo e para a partilha de ideias. Ao aprenderem uns com os outros, os alunos sentem-se valorizados, pelo facto dos seus conhecimentos estarem a dar pertinência na construção de saber dos restantes colegas. Neste sentido o professor fomenta, a autonomia da ação e do pensamento, enquanto promove a construção do saber, através da interação e comunicação com os outros.

Ao longo da minha prática procurei investigar sobre a temática, o que me levou a estar mais atenta a este aspeto e, por isso, houve alguns alunos que tive de trocar de lugar com o objetivo de facilitar o processo de ensino. Consoante os conteúdos que iam sendo abordados, e os alunos iam realizando trabalhos, que eram expostos na sala.

Em todos os contextos, onde realizei a minha Prática de Ensino Supervisionada, consegui observar que a relação de proximidade e cumplicidade que todos os cooperantes estabeleciam com os seus alunos era bastante evidente, demonstrando um grande carinho, afeto e preocupação com o seu bem-estar. Há quem considere que este contato próximo professor-aluno ou educador-aluno, faz com que as crianças percam o respeito e obediência pela professora/educador. No entanto, eu discordo totalmente acho que esta interação é fundamental para o desenvolvimento integral da criança, pois acabam por criar uma profunda admiração e consideração pela professora/educadora que vai conquistando a sua confiança e respeito mútuo.

Em 2005, Khine e Atputhasamy defendem que os níveis de sucesso escolar dependem da relação professor-aluno e, portanto, devem ser variáveis a considerar na avaliação do sucesso educativo. Existe inclusive crianças com algumas carências afetivas que encontram na professora/educadora como uma segunda figura materna e que estabelecem com ela uma relação muito afetuosa.

Ao longo dos vários estágios senti a necessidade de aprofundar/rever os meus conhecimentos, de modo a conseguir acompanhar a turma nos conteúdos que estavam a ser lecionados. Desta forma, pesquisei e li, diversas informações que fossem uteis para o sucesso da minha intervenção. Posteriormente, começava a pensar em possíveis atividades de serem

realizadas tendo em conta as características do grupo, e dessa forma planificar a minha semana de intervenção. Para a organização das planificações pensei e refleti bastante em possíveis estratégias (coloquei-me no lugar do aluno), quais os objetivos que pretendia alcançar com as atividades que planificava, as áreas de conteúdo que incidia, os recursos necessários e por fim como iria avaliar. Até chegar a uma planificação final, foi necessário investir bastante na minha intervenção, no que toca a refletir sobre as atividades.

Para Piéron (1996) uma “planificação criteriosa e refletida constituem uma determinante da qualidade do ensino.” (p.33). Senti também que quanto mais eu refletir/pensar na minha prática pedagógica, torna-se mais fácil se acontecer algum imprevisto de dar a volta à situação.

É importante ainda realçar que as planificações eram apenas meros orientadores, pois muitas vezes durante a intervenção notava que existia alguma necessidade por parte dos alunos, e a mesma era alterada.

Posso concluir que todos os estágios tiveram um contributo muito positivo para adquirir e aprofundar o meu conhecimento, de forma a enriquecer as minhas aprendizagens e competências, a nível pessoal e profissional. Enquanto futura professora/educadora tive a oportunidade de estar em contacto com profissionais de educação de excelência. Foram práticas de ensino que me deram a possibilidade de experienciar todo o trabalho de um profissional de educação, dando a oportunidade de perceber o que podia e não podia fazer com os alunos, e como deveria de o fazer, o que para a minha vida futura é sem dúvida uma mais-valia.

Ser professor nos dias de hoje é verdadeiramente um constante desafio, uma vez que os professores são confrontados frequentemente com situações que põem à prova as suas competências como profissionais, como pessoa, mas também é umas das profissões mais gratificantes e recompensadores, tendo nas mãos o poder de mudar o dia de amanhã.

Em suma, estou certa de que tenho ainda um caminho a percorrer, mas sei que ser professor é isso mesmo nunca parar de aprender, explorar novos métodos e estratégias para motivar os alunos na abordagem de conteúdos.

Parte II – Exercício investigativo

1. Motivos que estão na base do exercício investigativo

As tecnologias como meio de ligação entre o educador/professor e encarregado de educação, é o tema em causa. Tendo em conta, as organizações temporais que, hoje, são impostas às famílias e da sua relação com a vida escolar dos seus educandos, procura-se compreender como é que as tecnologias podem ser integradas nesta equação, estimulando a comunicação entre escola e famílias.

A vida atual das famílias, o contexto socioeconómico e o mundo profissional fazem com que, algumas famílias revelem menos tempo para estarem presentes no percurso educativo. Isto leva a que o acompanhamento que se ambicionava que fosse efetuado por parte dos encarregados de educação, não seja corretamente estabelecido.

Têm sido visíveis as inúmeras alterações pelas quais a sociedade tem passado, tanto a nível tecnológico como social, o que por consequência afeta a estrutura familiar e até a própria estrutura escolar.

Neste seguimento, uma dessas alterações ocorreu em 2020, quando o mundo foi surpreendido pela pandemia da COVID-19, perante essa circunstância, novas formas de agir foram implementadas para fazer face à transmissão do vírus. Serviços não prioritários foram transferidos para o teletrabalho e a escola, com toda a sua estrutura humana, precisou de funcionar de maneira prioritária e à distância. As discussões sobre o uso das tecnologias digitais na ligação Escola-Família há muito que são realizadas, com isso, alguns avanços e melhorias já tinham sido efetuados, mas, ainda assim, existiam falhas na comunicação através do uso das tecnologias.

Posto isto, com a pandemia tornou-se indispensável que as escolas repensassem as suas práticas comunicativas com as famílias, de maneira a compreender da melhor forma possível as singularidades de cada criança e o seu respetivo ambiente familiar.

No entanto, isso só é possível se existir uma cooperação e comunicação constantes entre a escola e a família, com o propósito de atingir os objetivos educativos de acordo com os interesses e as necessidades de cada criança. Isto só é executável se a escola estreitar relações com as famílias.

Contudo, a pandemia forçou os docentes, as famílias e as escolas a encontrarem novas formas de ligação Escola-Família, o que foi um grande desafio para muitos educadores/professores.

2. Enquadramento teórico

O presente capítulo tem como finalidade a apresentação do enquadramento teórico que serviu de base para a construção de toda a investigação, tendo como referência estudos publicados com base na temática escolhida, ligação Escola-Família mediada pelas tecnologias.

2.1. Família

O termo “família” teve origem do latim “*famulus*”, que significa “escravo doméstico”. Este termo surgiu na Roma Antiga para caraterizar um novo grupo social que apareceu entre as tribos latinas. No direito romano clássico a família cresce da importância, ou seja, esta é baseada no casamento e no vínculo de sangue.

Nesta época a família era um conjunto composto apenas pelos cônjuges e pelos seus filhos. Na época medieval (Idade Media), as pessoas começaram a estar conectadas por vínculos matrimoniais, dando origem a novas famílias. A estas novas famílias pertencia também a descendência gerada que, desta forma, tinha duas famílias, a paterna e a materna. Com a chegada da Revolução Industrial, tornaram-se regulares os movimentos migratórios para cidades maiores, erguidas em redor dos complexos industriais. Devido a estas mudanças demográficas, os laços familiares estreitaram-se e deram origem às pequenas famílias.

Ao longo dos tempos a família tem vindo a sofrer transformações, acompanhando as alterações religiosas, económicas e socioculturais dos contextos onde se insere. Esta deve ser continuamente renovada e reconstruída, pois é um espaço sociocultural.

Em comparação ao que ocorreu nas outras sociedades, em Portugal, a família também tem sido alvo de profundas transformações, por consequência dos aspetos económicos, sociais, políticos, da organização do trabalho e no emprego, da cultura, da religião e das mentalidades.

Como é do conhecimento geral, a família sempre foi e continua a ser reconhecida como a “instituição-chave” onde se começa o processo de socialização. De seguida, surge a escola que, em colaboração com a comunidade a que pertence, proporciona os pilares fundamentais ao processo de socialização que se desenvolve ao longo da vida. Logo, provém a necessidade da escola e da família se transformarem parceiros privilegiados de todo o processo educativo, para que desta conexão permanente seja possível obter um desenvolvimento harmonioso e equilibrado dos indivíduos.

Neste sentido, é necessário que os encarregados de educação e os docentes se ajudem mutuamente, isto é, os docentes pelas dificuldades acrescidas com o ensino de massas e por verem pouco reconhecido o seu estatuto profissional. Os encarregados de

educação por se confrontarem com situação de divórcio, desemprego, isolamento e problemas com os seus educandos.

Em Portugal, a seguir ao 25 de abril de 1974, sucedeu-se um período muito conturbado, onde ocorreram inúmeras alterações em todas as áreas da vida social, nomeadamente na educação. Como afirmou Gonçalves, em 2014, a partir de 1974 as famílias começaram a ser incluídas no processo educativo das escolas. Foram criadas as primeiras Associações de Pais, e a escola alargou horizontes, permitindo que um representante da Associação de Pais se juntasse ao Conselho Escolar. No entanto, apesar deste avanço, a participação dos Pais na Escola era ainda muito reduzida, e só com o passar dos anos este fator se foi modificando. Na atualidade, o conceito família, apesar de universal, continua complexo e ambíguo, dado que pode apresentar diferentes significados e perspetivas.

De acordo com Andolfi citado por Ochoa (2006), a família pode ser considerada um “(...) conjunto orgânico e interdependente de unidades ligadas entre si por regras de comportamento e por funções dinâmicas em constante interação e em intercâmbio permanente com o exterior” (p.53).

Já no ponto de vista de Diogo, J. (1998), a família:

É vulgarmente considerada o núcleo central do desenvolvimento moral, cognitivo e afetivo, no qual se “criam” e “educam” as crianças ao proporcionar contextos indispensáveis para cimentar a tarefa de construção de uma existência própria. Lugar em que as pessoas se encontram e convivem, a família é também o espaço histórico e simbólico no qual e a partir do qual se desenvolve a divisão de trabalho, dos espaços das competências, dos valores, dos destinos pessoais de homens e mulheres. A família revela-se, portanto, o espaço privilegiado de construção social da realidade em que, através das relações entre os seus membros, os factos do quotidiano individual recebem o seu significado. (p.37)

Para Baltazar e Bathazar (2016) citado por Diogo (2018), o termo família é como “um organismo vivo que opera por meio de padrões transnacionais (que passam de geração em geração), que, ao se repetirem estabelecem como, quando e com quem entrar em relação” (p.29).

O Instituto Nacional de Estatística (2003) define a família como um “conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento”.

Noutra perspetiva, a família também pode ser reconhecida como um conjunto de elementos interrelacionais, um sistema vivo, que está inserido noutros sistemas (como por exemplo, a sociedade e a comunidade) que são compostos por diversos subsistemas (como

o social). Na interpretação de Jesus e Neves (2004), “cada sistema é um conjunto ativo, estruturado e evolutivo que se define na relação que mantém no contexto em que vive.” (p.22).

Apesar das variadas definições encontradas sobre família, conseguimos perceber que este conceito torna-se ainda mais complexo quando aplicado na atualidade, dado que surgem cada vez mais situações distintas e diversificadas de estruturas familiares, sendo visível a existência de fatores que condicionam essas estruturas.

Félix (1994) citado por Pereira (2008) expõe alguns desses fatores que presentemente influenciam e delimitam a estrutura familiar:

- A horizontalização da comunicação entre as pessoas, que hoje caracteriza as sociedades modernas favorecendo a relação entre membros da mesma geração e desfavorecendo a produzida verticalmente de uma geração para a seguinte;
- A administração do tempo que jamais se fará do mesmo modo das gerações que nos antecederam, pois o tempo familiar é alternado não só com o tempo de trabalho como também com os tempos de lazer e formação;
- O trabalho e a consagração de igualdade entre o homem e a mulher que origina grandes transformações na existência, formação, vivência e até dissolução familiares passando a existir uma maior partilha das responsabilidades familiares, designadamente no que se refere à educação dos filhos e à orientação e desempenho das atividades domésticas;
- Os fatores demográficos como a queda da nupcialidade, fecundidade e crescimento natural, o aumento dos nascimentos fora do casamento, o retardamento do nascimento do primeiro filho e diminuição da dimensão média das famílias, o aumento da esperança de vida e da taxa de dependência dos idosos, têm vindo a provocar adaptações importantes no desenvolvimento da instituição familiar. (pp.45- 46)

Atualmente, temos também diversos modelos familiares, como por exemplo: família nuclear (marido, mulher, filhos); família extensa (família nuclear, avós, tios, primos); família reconstituída (marido, mulher, filhos de casamentos anteriores); família de facto (homem e mulher que vivem juntos, com ou sem filhos e que não estão casados); família monoparental (apenas filho (s) e um progenitor, pai ou mãe, resultante do divórcio, separação, morte ou ser solteiro); família homossexual (duas pessoas do mesmo género, que estão ou não casadas, com ou sem filhos); família heterossexual (duas pessoas do sexo oposto, que estão ou não casadas, com ou sem filhos).

Diante da realidade exposta, onde é saliente a diversidade das formas familiares torna-se complexo encontrar uma definição consensual do conceito família. Por esse motivo, é correto afirmar que todas as famílias têm realidades diferentes devido à sua composição,

estrutura, condições de vida, modo de funcionamento e dos seus valores. O ambiente familiar também tem sido cada vez mais invadido pelo sistema educativo dando assim origem aos processos educativos familiares. Estes processos variam não só em função do estatuto sociocultural das famílias, mas também de acordo com os papéis atribuídos a cada membro da família, às suas expetativas e necessidades.

Em alguns casos, as redes familiares que se desenvolvem ao longo da vida são essenciais para o sucesso a curto, médio e longo prazo. Assim sendo, seja qual for o motivo que está na base da organização da família o que verdadeiramente importa é a existência de afetos, interesses, valores comuns a todos os elementos e que as relações que estabelecem sejam estáveis e verdadeiras, permitindo um bom ambiente familiar.

2.2. Ligação Escola-Família

Quando as escolas trabalham conjuntamente com as famílias na aprendizagem, as crianças tendem a ser bem-sucedidas não apenas na escola, mas ao longo da vida.

(Naughton, 2004, citado por Maia, 2010, p.27)

Ao referir as escolas do passado, percebemos que o modelo de referência é o que prevaleceu até às vésperas do 25 de abril, modelo este assinalado pela exigente disciplina. Nos estabelecimentos educativos dessa época, existia um delegado escolar que era responsável por garantir um bom funcionamento e também um regime de ditadura que refletia o estilo de vida daquele período. Naquela altura, como referiu Gonçalves, em 2014, o Estado era o responsável pela educação do País. Este modelo era chamado de formação integral do indivíduo, e seria “facilitador” dos pais no seu dever de instruir e educar. Ou seja, a função das famílias era apenas a de enviar as crianças para a escola e de visitar o espaço quando solicitados pelos professores, de resto, a sua participação era inexistente.

Na atualidade, os estudos realizados sobre a temática, nas últimas décadas, revelam que se as famílias colaborarem ativamente no processo de aprendizagem dos seus educandos, estes obtêm melhor aproveitamento escolar. É fundamental que escola/família andem de mãos dadas para que o crescimento e o sucesso das crianças seja positivo, e é também fundamental que estabeleçam relações de comunicação claras e abertas. Ambas têm de perceber, que se trabalharem em conjunto e houver uma ligação coesa, todos podem beneficiar. Com isto, percebemos que o papel da família é indispensável na qualidade do desempenho dos alunos e que a ligação entre a escola e os encarregados de educação tem grande impacto na vida escolar. Para Silva et al. (2016) citado por Reis M. (2022), estamos numa altura em que é suposto que os objetivos da escola e dos pais sejam os mesmo e por

isso, deve ser criada uma relação entre ambos, de forma que possam contribuir de maneira harmoniosa para o crescimento e educação da criança.

Nos dias que correm existe cada vez mais a necessidade de a escola estar em perfeita harmonia com a família. A escola é uma instituição que complementa a família e juntas transformam-se em lugares agradáveis para o convívio de todos os integrantes. Seguindo a linha de pensamento de Silva et al. (2016) citado por Reis M. (2022), sendo a família e a escola as duas estruturas base na vida de uma criança, o pilar para uma boa educação, é estritamente importante que desenvolvam em conjunto estratégias para que cada criança trabalhe no seu processo de socialização, permitindo que tenha uma integração plena.

A necessidade de se estabelecer uma ligação coesa entre a escola e a família, deve servir para planear, estabelecer compromissos e acordos mínimos para que o educando tenha uma excelente aprendizagem tanto em casa como na escola.

Segundo Dias (1999) citado por Cebolais (2010), a ligação Escola-Família acarreta benefícios para ambas as partes, no sentido em que

Os pais veem reforçado o seu papel e sentem reforçadas as atitudes que facilitam o sucesso educativo dos filhos. Os professores terão uma visão dos pais mais positiva, assumindo assim, atitudes mais favoráveis no processo de interação. A escola terá tendência para enriquecer e diversificar as suas práticas, porque ao sentir-se mais seguro o professor estará disponível para estabelecer a cooperação. (p.15)

A educação insere-se numa das principais componentes do processo de socialização de qualquer indivíduo, dando importância à sua integração plena. Logo, é indispensável que a escola não viva sem a família e a família não viva sem a escola. São duas estruturas que dependem uma da outra, na tentativa de atingir um maior objetivo, seja ele qual for, porque um melhor futuro para os discentes é, em simultâneo, para toda a sociedade.

O método que a escola utiliza para comunicar e promover o envolvimento familiar, demonstra a sua eficácia para corresponder aos parâmetros que lhe competem assegurar. Não existe uma única forma para estabelecer a ligação com as famílias. Os estabelecimentos de ensino devem procurar disponibilizar diversas opções que se adaptem às características e necessidades de uma comunidade educativa progressivamente mais heterogénea.

A escola e a família partilham funções políticas, sociais e educacionais, visto que influenciam e contribuem para a formação do cidadão. A ligação entre estes dois contextos contribui para o desenvolvimento de cada cidadão, emergindo da relação entre ambos, idealmente dirigida para um objetivo comum, a necessidade de existir esta comunicação é efetiva e apropriada.

Cabe à escola, comunicar e envolver a família em todo o processo de ensino-aprendizagem e para tal é necessário que esta abra portas e deixe que a família entre e

participe seu no dia a dia, sem qualquer tipo de obstáculos. Ao serem recebidas desta maneira, as famílias vão se deixar envolver e vão começar a criar laços, baseados na confiança, empatia e compreensão, abrindo assim espaço para o diálogo e para a utilização de vários meios de comunicação. Bermudez (1994) citado por Naughton (2004) afirma que,

(...) a qualidade das práticas escolhidas, nos esforços da escola para melhorar o envolvimento dos pais, afeta o resultado. Portanto, é importante projetar intervenções que sejam abrangentes, sistemáticas, a longo prazo, e envolver os pais como membros integrantes da equipa da escola. É também importante avaliar tais esforços e fazer ajustes à medida que o tempo passa. (pp.5-6)

Independentemente da estratégia utilizada para promover a ligação entre a escola e família, os docentes e o estabelecimento educativo assumem um papel importantíssimo, para o sucesso de qualquer abordagem de interação que se pretenda desenvolver. Estas duas entidades devem conhecer minimamente a cultura e os contextos das famílias, as suas inseguranças, ambições, necessidades e aspirações, para conseguirem identificar a estratégia que melhor se adequa a cada caso. A estratégia mais favorável será sempre a que seja capaz de responder às necessidades da família em articulação com as da escola.

De forma, a tornar a escola mais atrativa para as famílias e deixá-las mais confiantes e motivadas, é preciso avançar no tempo e incluir nesta parceria, técnicas e materiais de apoio eficazes, que facilitem a comunicação e interação entre ambas.

2.3. Dificuldades da ligação Escola-Família

A ligação Escola-Família é um diálogo entre duas entidades, caracterizado pela troca de responsabilidades e pela descoberta de lacunas no desempenho das tarefas de cada um dos elementos. Muitas das vezes, esta ligação perdura marcada pelo desgaste, troca de acusações e atribuições mútuas de responsabilidades. Estas duas partes, na sua ligação, assumem atitudes de oposição ou indiferença, e por vezes até de recriminação mútua.

Para Marques (2001) “podemos considerar quatro tipos de obstáculos: a tradição de separação entre escola e famílias, a tradição de culpar os pais pelas dificuldades dos filhos, as mudanças na estrutura das famílias e os constrangimentos culturais.” (p.23).

Ainda que diversos estudos indiquem as vantagens que representa uma boa ligação entre a escola e a família, frequentemente, essa comunicação que deveria estabelecer-se como parceria revela-se como rivalidade. Na verdade, no ambiente escolar está presente o discurso acusatório da desresponsabilização por parte das famílias, no que se refere à vida escolar dos seus educandos. Em contrapartida, alguma bibliografia revela uma certa desconfiança das famílias face à escola.

Como adversidades à ligação entre a escola e a família, é possível verificar que a falta de envolvimento dos encarregados de educação nas atividades escolar e o desinteresse das famílias pela vida escolar dos alunos, são aspetos que surgem na literatura, como a visão dos docentes. No entanto, certa literatura afirma que os docentes tendem a considerar a ausência das famílias das atividades escolares como desinteresse, mas em muitos casos, é a escola que os afasta ou que não procura desenvolver atividades que suscitem o envolvimento.

Os encarregados de educação, na maior parte das vezes, apenas são chamados a interferir no ambiente escolar quando surge algum problema, quando os docentes sentem a necessidade de partilhar as suas preocupações ou chamá-los para repreensões. Estes tópicos representam um dos motivos do distanciamento de muitas famílias. Tal como refere Perrenoud (2000) citado por Maia (2010)

Esta atuação parece responsabilizar os pais pelas dificuldades do filho, pelo fracasso escolar ou indisciplina do aluno, parecendo, no fundo, questionar a educação que estes lhe fornecem, sendo que esta desagradável situação se constitui como mais um fator para a pouca frequência dos pais aos convites feitos pela escola. (p.35)

O envolvimento das famílias torna-se incompatível quando a ligação com a escola é pautada de situações problemáticas e desagradáveis. Sendo assim, é impossível que o docente consiga estabelecer boas condições de aprendizagem se as famílias não incutem aos educandos confiança em relação à escola ou professor.

Se a ligação entre estas duas partes fosse contínua e natural, dispersavam-se as eventuais dificuldades da rotina escolar e as queixas com os elogios.

Para muitos autores os ambientes educativos são de difícil acesso. Isto ocorre devido a fatores que têm condicionado a ligação Escola-Família. Alguns desses fatores são: a inexistência de espaços convenientes para receber os encarregados de educação, a linguagem complexa dos docentes, as atitudes dos docentes que por vezes não cativam as famílias, os horários de atendimento e de reuniões que nem sempre são compatíveis com os horários dos encarregados de educação.

A ausência de determinados contatos por parte das famílias provém, da sua vontade e das possibilidades que lhes são disponibilizadas. Dado que, a sua maioria valoriza o seu envolvimento na escola e querem verdadeiramente envolver-se, mas nem sempre sabem como fazê-lo, porque têm pouco tempo disponível ou defrontam-se com uma escola que não estimula esse envolvimento.

Porém, o envolvimento da família nas escolas necessita da existência de uma responsabilidade compartilhada onde todos os intervenientes (encarregados de educação, docentes, administradores e líderes comunitários), exercem papéis relevantes no suporte à aprendizagem.

No que concerne à partilha de responsabilidades, alguns autores afirmam que, aquilo que a escola faz às famílias é da responsabilidade dos professores, defendendo assim a relevância dos profissionais de educação tomarem para si a responsabilidade de criar e manter um diálogo. Posto isto, a tarefa de manter esta ligação é designada mais à escola do que à família, sendo responsável por desenvolver estratégias para a construção dessa ligação e de tomar iniciativas para promover um bom relacionamento com a família.

Desta forma, importa ao estabelecimento educativo procurar as estratégias e medidas que promovam o envolvimento familiar, devendo essas medidas e estratégias sofrer alterações, com o passar do tempo, aos diferentes níveis de ensino e às diferentes situações familiares que possam surgir.

Em suma, a temática da ligação Escola-Família desencadeia vários problemas, o que suscita diversas opiniões, e faz com que esteja aberta a uma grande discussão. No entanto, esses problemas não impossibilitam que se reconheça as vantagens que uma boa ligação, entre as duas partes, pode gerar.

2.4. Importância da tecnologia na sociedade

A tecnologia é um produto da ciência e da engenharia que envolve um conjunto de instrumentos, métodos e técnicas que visam a resolução de problemas, ou seja, é o conhecimento adquirido e relativo a uma determinada área de intervenção.

A palavra tecnologia tem origem no grego “tekhne”, que representa “técnica, arte, ofício”, ligando-se com o sufixo “logia” que significa “estudo”.

A tecnologia está ligada à área da informática, isto é, ao tratamento ou processamento da informação utilizando meios automáticos, como por exemplo o computador ou telemóvel, que têm como objetivo auxiliar a sociedade.

Através da tecnologia é possível transmitir informação que se transforma numa mensagem que possui significado comum entre o emissor (quem produz a mensagem) e o recetor (aquele que recebe a mensagem). Esta transmissão só é possível através de um suporte tecnológico que realiza a mediação desta mensagem, sendo a informação munida de consciência, objetivo e finalidade ao ser transmitida entre o emissor e o recetor.

Devido aos grandes avanços tecnológicos surgiu a Sociedade de Informação, isto é o desenvolvimento tecnológico reconfigurou o modo de ser, agir, de relacionamento dos indivíduos e sugeriram modelos de comunicação alternativos. Na atualidade, não é possível separar a informação da tecnologia, visto que estas áreas foram, no decorrer das últimas décadas, adaptadas com a evolução do conhecimento e das técnicas.

Na Sociedade de Informação, a informação é fundamental para os aspetos económicos, sociais, culturais e políticos que constituem a sociedade, dependente de um

suporte tecnológico para se estender entre as diferentes áreas. Para acontecer esta difusão é preciso um meio tecnológico onde tudo ocorreria e seria executado através de um universo virtual.

Com toda esta evolução, o tempo e o espaço foram reconfigurados, apressando as práticas e diminuindo as distâncias. Apareceu assim uma nova forma de socialização, onde a presença física já não é primordial para que se estabeleça uma relação, pois é possível a participação na sociedade através de um espaço virtual.

Segundo Gil (2014), “Estamos imersos numa sociedade cada vez mais digital onde qualquer serviço requer que o cidadão utilize plataformas ou dispositivos digitais(...). É possível aferir que toda a sociedade está rodeada de tecnologia no seu quotidiano sendo uma nova realidade.” (p.89).

Presentemente, a sociedade encontra-se numa Era que se denominou de Era Digital. No atual modelo da sociedade, a tecnologia ocupa um espaço importantíssimo, interferindo com todos os setores: educação, política, comércio, entretenimento, informação, serviços, relações, entre outros. Neste modelo são evidentes as alterações do cenário social que levaram a uma intensa procura pela melhoria e facilitação da vida e das práticas dos indivíduos.

As alterações nas áreas da política, da economia e ao nível social só ocorreram devido à evolução tecnológica que introduziu uma nova dimensão de produtos, de transmissões, arquivos e acesso à informação. Deste modo, com o surgimento da internet, no final dos anos 60, os conceitos de imaterialidade e liberdade revolucionaram os atos de leitura e comunicações tradicionais, viabilizando uma diversidade de funções como o acesso a todo o tipo de informação, a qualquer momento.

Melhor dizendo, a tecnologia tornou-se parte do dia a dia da sociedade em que vivemos e cada vez mais utilizam as ferramentas tecnológicas como forma de partilha de toda a informação. Através do uso da internet, a sociedade tornou-se interativa e um agente comunicador, passando a ter acesso a uma maior quantidade de informação permitindo assim participar de forma direta, opinando e interagindo ao mesmo tempo que a recebe.

Conseguimos comprovar que existem vários exemplos como o Facebook, Instagram, Twitter, E-mail, Whatsapp ou *Microsoft Teams*, que simplificam e estimulam a comunicação social e a partilha entre os utilizadores.

Concluindo, com o passar do tempo, as tecnologias têm evoluído e por consequência a sua relação com a sociedade é cada vez mais imprescindível. Por isso, é essencial que a escola valorize as tecnologias e que crie condições tanto para os docentes como para os encarregados de educação estabelecerem ligação através desta.

2.5. Importância da tecnologia na promoção da ligação Escola-Família

Os aparelhos tecnológicos fazem parte do dia a dia de muitas famílias, assim como das suas estratégias de comunicação. Atualmente, são também uma alternativa usada nos estabelecimentos educativos como ferramentas e estratégias de aprendizagem, do mesmo jeito que são essenciais para a realização da ligação entre a escola e os encarregados de educação.

A Sociedade de Informação está relacionada com um desenvolvimento social e económico em que o armazenamento, processamento, transmissão, distribuição e divulgação de informação leva à satisfação das necessidades dos cidadãos e das empresas. Sendo a escola uma instituição com um papel social relevante, deve procurar inserir-se neste sistema, acompanhando-o e manifestando-se como seu incentivador.

As tecnologias fazem parte do quotidiano de todas ou quase todas as famílias portuguesas.

Invadiram as nossas casas, locais de trabalho e de lazer. Oferecem instrumentos úteis para as comunicações pessoais e de trabalho, (...), para acesso a bases de dados e à informação distribuída nas redes eletrónicas digitais, para além de se encontrarem integradas em numerosos equipamentos do dia a dia, em casa, no escritório, na fábrica, nos transportes, na educação e na saúde. (MISI, 1997, p. 9)

Para que as famílias e docentes estabeleçam essa ligação não basta apenas ter acesso às tecnologias, é crucial conhecer o universo tecnológico e saber aproveitá-lo de forma a encontrar e partilhar informações adequadas ao contexto. As tecnologias disponibilizam potencialidades imprescindíveis à área da educação. Compete aos participantes analisar essas potencialidades e colocá-las ao dispor, como forma de melhorar as suas práticas, principalmente no que diz respeito à ligação Escola-Família.

Segundo Areais (2010) “As escolas têm de acompanhar essa evolução (tecnologias e sistemas de informação) para se conseguir melhorar o sucesso educativo dos alunos, sendo neste aspeto muito importante apostar na relação entre a escola e a família” (p.II). A utilização destes instrumentos como meio de aproximação das famílias às escolas é cada vez mais fundamental e revela-se, por isso, indispensável tirar partido de meios de contato mais acessíveis que permitam contrariar barreiras que mantêm a participação das famílias afastadas do meio escolar.

Com o objetivo de facilitar e ampliar a integração da instituição escolar com as famílias, os docentes têm a possibilidade de utilizar variadas ferramentas comunicativas disponíveis na internet. Como já foi mencionado, o uso da internet está bastante presente na atualidade,

por isso, os dispositivos móveis (como por exemplo, *smartphones*, *tablets* e computadores) com acesso a esta rede estão presentes na rotina diárias das famílias, o que faz com que se tornem um meio facilitador para estabelecer esta ligação entre a escola e o meio familiar.

A investigadora Elenice Andersen (2013) afirma que:

(...) a internet, em especial, dispõe de ferramentas projetadas para ampliar e enriquecer a interação/colaboração entre as pessoas. Quando aplicadas à educação, essas ferramentas criam um amplo espaço de possibilidades para facilitar e incentivar o aprendizado dos alunos, mais adequadas à realidade atual. (p. 17-18)

Do mesmo modo que estas ferramentas fortalecem o processo de ensino e aprendizagem, também conseguem facilitar a ligação e integração da escola com as famílias. Portanto, por via das tecnologias, a escola, pode possibilitar a participação e o envolvimento das famílias no contexto escolar. Relativamente a esta questão, Caetano e Yaegashi (2014) salientam que

(...) cada vez mais as pesquisas têm demonstrado dois resultados importantes no que diz respeito à relação entre escola e família: o primeiro é que, diferentemente do que julga a maioria dos professores e outros profissionais da educação, a família tem interesse em participar da vida escolar dos filhos e vem cada vez mais se interessando e se envolvendo com as atividades escolares. O segundo resultado é que realmente há significativamente melhora no desempenho escolar quando a família se envolve, se interessa e se faz presente na vida da criança e nas suas atividades escolares. (p. 28)

Neste sentido, podemos encarar as tecnologias como um meio de reduzir distâncias entre a escola e a família, uma forma de expandir o meio escolar para o mundo exterior, principalmente para o ambiente familiar. E também uma forma de potencializar a participação e o contributo ativo das famílias no contexto escolar, o que é considerado um fator determinante para o sucesso escolar.

Para que tudo isto seja possível é necessário que exista uma articulação de toda a equipa escolar no que se refere à ligação Escola-Família. Quanto mais acessíveis forem os meios de comunicação entre estes dois contextos socializadores, melhores serão as aprendizagens e desenvolvimento dos alunos.

A integração da tecnologia no processo de ligação Escola-Família deve tornar-se numa mais-valia, mas para isso deve-se realizar um diagnóstico prévio, tanto no âmbito do acesso às ferramentas como às competências digitais das partes envolvidas na sua utilização. Em contrapartida, também é importante a definição de prioridades e um plano de ação que atenda as várias situações, antecipando modos de atuação adaptados à realidade diagnosticada, impossibilitando a exclusão dos que não dispõem de acesso à tecnologia.

As oportunidades de ligação Escola-Família mediada pelas tecnologias são diversas, havendo já alguns estudos que analisam as vantagens de algumas ferramentas digitais (como por exemplo, blogue, e-mail, plataformas, sms, entre outras).

No ponto de vista de Flores e Karr-Kidwell (2001)

Uma ferramenta que pode ser utilizada pela escola é um website. Uma página web assume-se como um forte dispositivo para a comunicação. As escolas, que têm websites, possibilitam aos alunos reconhecerem que os administradores, funcionários da escola e pais são uma equipa, trabalhando em prol do potencial de cada criança. Um website da escola é um lugar perfeito para começar, unindo pessoas que compartilham uma visão e direção comuns, e que possuem o senso de comunidade. (p.28)

Com base nesta afirmação, conseguimos perceber que através da utilização de um *website*, toda a comunidade consegue fazer parte do sistema de apoio escolar. O docente deve utilizar estas ferramentas para auxiliar o seu trabalho e ter outras alternativas de se ligar com a comunidade que atende. Divulgar o seu endereço de e-mail e responder às mensagens dos pais, criar um grupo fechado no *Facebook* com fotos e vídeos de diferentes atividades pedagógicas, criar um grupo no *WhatsApp* ou no *Messenger*, entre outras estratégias, são formas de utilizar a internet em prol da ligação Escola-Família. Por norma, estas ferramentas oferecem recurso como chat, fóruns, possibilidades de arquivar documentos digitais, etc. Contudo, é indispensável um acompanhamento sistemático para que os objetivos sejam alcançados.

Por meio destes canais de comunicação, o profissional de educação também consegue divulgar os projetos desenvolvidos na instituição escolar e ter percepção das opiniões da comunidade relativamente a esse trabalho.

Em jeito de síntese, as tecnologias têm grande potencial para mediar a ligação Escola-Família, podendo assumir particular relevância em contextos onde a participação das famílias no percurso educativo dos discentes é reduzida, pois permitem contornar as limitações impostas pela distância e a falta de tempo de alguns encarregados de educação. Assim, as tecnologias são apenas uma possibilidade mediadora e facilitadora de ligação entre estas duas partes, no entanto cabe à escola escolher o que melhor se adequa e responde às necessidades da comunidade onde está inserida.

3. Tipo e pertinência do estudo

Ao decidir realizar uma determinada investigação tem de se estabelecer um problema de partida, levantar uma questão e definir os respetivos objetivos.

Seguidamente, há que selecionar a direção a seguir definindo os procedimentos metodológicos.

Neste sentido, é importante estabelecer os procedimentos e instrumentos a utilizar para a recolha de informação. Estes devem estar diretamente associados ao paradigma de investigação, à temática, à questão-problema, à seleção da amostra ou grupo de participantes e à natureza qualitativa e/ou quantitativa do estudo. De todos os dados que irei recolher, alguns dados serão analisados de forma quantitativa e outros qualitativa.

Relativamente ao tipo de estudo que segui, a metodologia que se considerou mais apropriada para a execução da investigação foi de carácter qualitativo onde se realizou uma investigação que se relaciona ao estudo de caso.

Segundo Coutinho (2018), “a investigação é uma atividade de natureza cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objetivo de indagação e que contribui para explicar e compreender os fenómenos sociais.”. Levando-nos assim para uma diversidade de abordagens possíveis.

Tendo em conta que se procura compreender o impacto que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) podem ter no envolvimento Escola-Família, enquadra-se numa perspetiva mais qualitativa, dado que procura penetrar no mundo percetivo do público-alvo, captando o seu ponto de vista. Para Latorre (1996), uma abordagem qualitativa, tem como ponto fulcral compreender a perspetiva dos sujeitos, “(...) saber como interpretam as diversas situações e que significado tem para eles” (p.42).

Sendo a entrevista uma das técnicas utilizada neste tipo de estudo qualitativo, esta pareceu-me também a mais adequada para realizar aos docentes, dado que a entrevista é uma conversa a dois, por proposta do entrevistador, que objetiva a captação de informação pertinente sobre o objeto de estudo. Uma vez que, constituem as representações do sujeito sobre a sua realidade, não deixa de ser útil para compreender a problemática. Tal como afirma Thomas, W. (1970) “quando alguém considera uma situação como real, ela é real em suas consequências” (p.247).

Porém, sendo um estudo de caráter qualitativo, há que ter uma preocupação acrescida com o rigor científico.

4. Questão-Problema e objetivos da investigação

A ideia de investigação depreende que exista uma problemática e o objetivo da investigação exige que esta seja formulada. É a identificação de uma problemática que dá origem à investigação.

A definição da questão-problema é um ponto crucial da investigação. Desta forma, determina-se uma problemática que seja viável de ser investigada, relevante e que tenha valor teórico e prático.

A questão-problema que se desenvolveu no presente estudo foi a seguinte: “Como é que as tecnologias de informação e comunicação podem ser um recurso facilitador do envolvimento Escola-Família?”.

Para dar resposta à questão-problema, foram criados um conjunto de objetivos:

- Caracterizar o perfil das famílias e dos profissionais de educação, tendo em conta as tecnologias que utilizam.
- Conhecer a influência que as tecnologias têm na relação entre a escola e a família.
- Compreender de que modo é que as tecnologias possibilitam que as famílias se sintam mais próximas da escola.
- Perceber a perspetiva que o Professor/Educador e os Encarregados de Educação têm sobre a ligação Escola-Família mediada pelas tecnologias.

5. Contexto e participantes

O grupo de participantes do estudo são duas educadoras da instituição A, uma educadora da valência de Creche e outra da valência de Pré-Escolar. Duas professoras do 1.º Ciclo do Ensino Básico, uma docente da instituição B, a lecionar o 1.º ano de escolaridade, e outra docente da instituição C, a lecionar o 4.º de escolaridade. E todos os encarregados de educação das respetivas quatro turmas.

Para a caracterização, das educadoras/professoras, em termos pessoais e profissionais foi efetuado uma entrevista, através da qual se recolheu informação que me pareceu ser pertinente para o estudo em desenvolvimento. E foi enviado aos encarregados de educação, das respetivas turmas, um questionário com o objetivo de caracterizar a ligação com a escola. Todas as entrevista e questionários foram efetuadas em contexto de estágio.

De referir que todos os intervenientes revelaram grande disponibilidade para colaborar no estudo, fizeram-no com bastante agrado e empenho.

6. Processos de recolha e tratamento de dados

Neste capítulo serão apresentadas os processos de recolha e tratamento de dados que estiveram na origem do estudo, recorrendo ao método qualitativo que engloba o estudo de caso.

O objetivo geral foi o de investigar e analisar a ligação Escola-Família mediada pelas tecnologias, a fim de se poder verificar se estes recursos digitais têm influência nesta relação.

Para a realização de qualquer investigação é essencial proceder à recolha e ao tratamento de informação de forma credível para tornar o estudo válido. O processo de recolha de informação baseou-se na concretização de quatro entrevistas a profissionais de educação de diferentes valências. E, um questionário enviado aos encarregados de educação das turmas de cada um dos professores entrevistados.

Por último, o tratamento de dados foi realizado através de um conjunto de técnicas de análise, procurando encontrar conclusões que respondam às questões da investigação.

6.1. Investigação qualitativa

O presente exercício investigativo foi realizado recorrendo ao método qualitativo. Este método reconhece a ação do investigador em campo como parte explícita da produção de conhecimento. Segundo Severino (2007), a investigação qualitativa menciona conjuntos de metodologias, envolvendo, variadas referências epistemológicas e que deve ser utilizada preferivelmente ao invés de *pesquisa qualitativa* ou *metodologia qualitativa*, já que “não se está referindo a uma modalidade de metodologia particular” (p.119).

Existem três componentes fundamentais na investigação qualitativa: o primeiro são os dados que podem vir de diversas fontes, tais como entrevistas, documentos, questionários etc.; o segundo são os procedimentos que poderão ser usados para interpretar e organizar os dados, consistindo em conceitualizar e reduzir os dados, elaborar categorias e relacioná-las por meio de declarações preposicionais; e o terceiro são os relatórios escritos e verbais que podem ser apresentados como artigos, palestras, entre outros (Anselm Strauss e Juliet Corbin, 2008).

Os autores Airle Souza e Evandro Matos, em 2004, refletiram sobre a investigação qualitativa e afirmam que através desta “busca-se a compreensão particular daquilo que se estuda” e que “o foco da atenção do pesquisador se dirige ao específico e ao individual, abandonando as generalizações, os princípios e as leis, substituindo as correlações estatísticas em favor das descrições individuais” (p.220). E, ainda, destacam como relevante a intuitividade e a habilidade do investigador.

Em jeito de conclusão, para a execução desta investigação realizei um estudo qualitativo, de um estudo de caso, onde foram aplicados inquéritos por questionário aos encarregados de educação e entrevistas semiestruturadas a quatro docentes de diferentes contextos.

6.2. Estudo de caso

Segundo Yin (2001)

O estudo de caso é uma investigação empírica de um fenómeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenómeno e o contexto não

estão claramente definidos”. Para o autor, este método é a estratégia mais escolhida quando é necessário responder a questões do tipo “como” e “porquê”. (p. 32)

O estudo de caso é uma estratégia de investigação de uso frequente na produção de conhecimento de diversas áreas. Em 2002, Oliveira realça a competência do estudo de caso enquanto método suficiente para detetar e analisar as múltiplas ocorrências de um mesmo fenómeno, em diversos casos.

Deste modo, podemos descrever o estudo de caso como uma investigação que se desenrola no dia a dia do investigador, isto é, no tema e no contexto surgem questões que o investigador pretende ver esclarecidas. Por esse motivo, antes de dar início à sua investigação necessita de identificar a problemática onde formulará as questões e serão definidas as várias fontes de dados a serem aplicadas.

Assim sendo, através do estudo de caso é possível explicar ligações em situações da vida real, que se demonstram demasiado complexas:

- a) Explicar os vínculos causais em intervenções da vida real que são complexas demais para as estratégias experimentais ou aquelas utilizadas em levantamentos;
- b) Descrever uma intervenção e o contexto da vida real em que ocorreu;
- c) Explorar situações nas quais a intervenção que está sendo avaliada não apresenta um conjunto simples e claro de resultados.

Neste sentido, as técnicas e os instrumentos utilizados para a realização da investigação foi uma investigação qualitativa.

6.2.1. Entrevista

A entrevista representa uma das técnicas de recolha de informação mais utilizada na investigação, e caracteriza-se pela interação verbal entre o entrevistador e o entrevistado, em situação de cara a cara ou por intermédio de um meio tecnológico.

De acordo com Minayo & Costa (2018), a entrevista é considerada uma conversa a dois, “realizada por iniciativa do entrevistador e destinada a construir informações pertinentes a determinado objetivo de investigação” (p.141). As vivências dos participantes influenciam as informações recolhidas.

Através da entrevista é possível recolher informações e elementos de reflexão bastante interessantes, dado que o entrevistado manifesta as suas perceções e interpretações de forma clara, genuína e profunda.

Uma entrevista realizada corretamente, permite ao investigador recolher uma grande quantidade de informação e compreender a realidade dos participantes, assim como entender

a sua perspetiva. Deste modo, foi um dos procedimentos selecionados como base da investigação.

Para a realização desta investigação optei pela entrevista semiestruturada, dado que esta não é totalmente aberta, no entanto também não se restringe a perguntas específicas. Isto é, existe um conjunto de exemplos de perguntas orientadoras do diálogo, porém concede ao entrevistado a liberdade de falar abertamente sobre variados assuntos, pela ordem que lhe for mais conveniente. Cabe apenas ao investigador redirecionar a entrevista para os objetivos previamente estabelecidos, sempre que se distanciar dos mesmos.

Em 2005, Afonso afirmou que, neste tipo de entrevistas o propósito principal assenta em perceber o comportamento completo e os significados construídos pelos participantes. Com esta técnica, a comunicação verbal entre o entrevistador e o entrevistado decorre em torno de temas ou de grandes questões orientadoras do discurso, não havendo questões específicas e respostas codificadas.

As entrevistas semiestruturadas carecem de um formato intermédio. Segundo Afonso (2005), “o modelo global é o da entrevista não estruturada, mas os temas tendem a ser mais específicos. Em geral, são conduzidas a partir de um guião que constitui o instrumento de gestão da entrevista semi-estruturada” (p.99). A elaboração do guião da entrevista, deve ter como suporte as questões de pesquisa e os apoios de análise da investigação. A estrutura deste guião é composta por temas, objetivos e exemplos de questões. Para a condução da entrevista foi utilizado o guião (ver anexo A - Guião de Entrevista) construído.

Como já foi referido, esta técnica proporciona uma interação direta, e por isso, num primeiro momento deve ser criado um clima de afinidade entre o entrevistador e o entrevistado, assegurando uma conversa interessante sem que o participante se sinta intimidado. Esta primeira fase, serve também para reforçar a confidencialidade e anonimato no tratamento dos dados recolhidos, para informar sobre a problemática de investigação, os seus objetivos e o tema da entrevista.

Neste sentido, as questões foram feitas em concordância com o fluxo da conversa, respeitando, sempre que possível, o raciocínio do discurso do entrevistado e não seguindo a ordem das perguntas.

A concretização das entrevistas realizou-se através da gravação em áudio e posteriormente efetuou-se a sua transcrição. Depois da realização da transcrição, passou-se para o tratamento de dados com o objetivo de se selecionarem as categorias, as subcategorias e as unidades de registo. Na opinião de Bardin (2009) compreende-se por tratamento de dados

(...) um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens

indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/receção (variáveis inferidas) destas mensagens. (p.734)

6.2.2. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário caracteriza-se por um conjunto de questões elaboradas com o objetivo de obter os dados dos inquiridos a quem se dirige. Os questionários necessitam de cumprir um conjunto habitual de procedimentos: definir rigorosamente os objetivos, formular hipótese e questões orientadoras, identificar as variáveis relevantes, selecionar a amostra adequada de inquiridos, construir o instrumento em si e aplicá-lo para posteriormente poder analisar os resultados.

Ainda que nem todos os projetos de investigação utilizem o questionário como instrumentos de recolha e avaliação de dados, este revela-se bastante relevante na pesquisa científica, principalmente na área das ciências da educação. Criar questionários não é uma tarefa fácil, no entanto dedicar algum tempo e dedicação na sua criação pode ser um fator benéfico na evolução de todo e qualquer investigador.

Segundo Freixo (2009), o inquérito por questionário é:

(...) o instrumento mais usado para a recolha de informação, constituindo um dos instrumentos de colheita de dados que necessita das respostas escritas por parte dos sujeitos, sendo constituído por um conjunto de enunciados ou de questões que permitem avaliar as atitudes e opiniões dos sujeitos ou colher qualquer outra informação junto desses mesmos sujeitos. (p.191)

Assim sendo, no ponto de vista de Freixo (2009), “(...) o investigador utiliza o questionário com o intuito de obter informações que lhe permitam confirmar ou informar uma ou várias hipóteses de investigação.” (p.127).

Não existe um método-padrão para se elaborar um inquérito por questionário. Contudo, existem várias recomendações, bem como aspetos a ter em atenção no que se refere a essa relevante tarefa num processo de investigação.

Esta técnica de recolha de dados é imensamente vantajosa quando um investigador tem como objetivo recolher informação sobre um determinado tema. Desta forma, através da aplicação de um questionário a um determinado público-alvo composto, por exemplo, de encarregados de educação, pode-se recolher informações que auxiliam a compreender melhor os seus pontos de vista, bem como melhorar as metodologias de comunicação com as famílias.

A pertinência dos questionário relaciona-se com a facilidade com que se interroga um elevado número de participantes, num curto espaço de tempo. Deshaies (1992), afirma que

Estes podem ser de natureza social, económica, familiar, profissional, relativos às suas opiniões, à atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema. (p. 59)

Quando um investigador constrói e administra um questionário, não desvalorizando a interação indireta que há entre ele e os participantes, apura-se que a linguagem e o tom das questões que fazem parte desse mesmo inquérito são de extrema relevância. Por isso, é importante ser cuidadoso na forma como se formula as perguntas e na apresentação do inquérito por questionário.

Ao elaborar o inquérito por questionário, o investigador escolhe o tipo de questões a apresentar em concordância com a finalidade para a qual é utilizada a informação, as características da população em estudo e o método para divulgar os resultados. Isto é, segundo Afonso, em 2005, enquanto as entrevistas se baseiam na interação verbal, os questionários consistem em conjuntos de questões escritas a que se responde também por escrito.

Na realização de um questionário é importante ter em atenção as habilitações do público-alvo a quem este vai ser aplicado. É de realçar que o conjunto de questões deve ser bastante organizado e seguir uma lógica para quem está a preenchê-lo. Evitando questões irrelevantes, insensíveis, intrusivas, desinteressantes, com uma estrutura confusa e complexa, ou ainda demasiado longas. Na opinião de Pardal e Lopes (2011), a elaboração das perguntas “(...)decorre naturalmente dos indicadores selecionados: as respostas que o leque de perguntas proporciona são função da qualidade da sua formulação.” (p.76). Deste modo, o questionário administrado (ver anexo B - Inquérito por questionário) contém perguntas de resposta fechada, de resposta aberta e, também, de resposta de escolha múltipla.

Concluindo assim que, todos os instrumentos de recolha de dados são indispensáveis para se conseguir uma investigação de qualidade. É bastante relevante, que se seja capaz de diversificar os instrumentos de análise, dado que cada um deles tem várias formas de se observar a investigação e de se compreender as suas diferentes vertentes. Assim sendo, os sujeitos podem participar de forma voluntária no projeto de investigação, conscientes do tipo de estudo e das obrigações que isso acarreta.

6.2.3. Questões éticas

As normas éticas aconselham que o investigador, ao dar início à sua investigação, deve informar o seu público-alvo sobre o objetivo da investigação, os procedimentos de recolha de dados e como estes serão utilizados e apresentados pelo mesmo. Assim sendo,

os sujeitos podem participar de forma voluntária no projeto de investigação, conscientes do tipo de estudo e das obrigações que isso acarreta.

Na perspetiva de Máximo-Esteves (2008), “(...)o princípio da responsabilidade ética e a garantia da salvaguarda dos seus direitos, interesses e sensibilidades são requisitos morais que requerem tanto mais a interpretação da consciência do investigador, quanto menor é a capacidade defensiva (...)” (p.107).

O investigador deve garantir a confidencialidade dos dados e assegurar o direito à privacidade, protegendo o anonimato dos participantes. Desta forma, ao divulgar os resultados da sua investigação tem de salvaguardar a integridade física e a imagem pública da amostra. Por este motivo, omite-se os nomes dos participantes.

7. Apresentação e análise dos resultados

O presente capítulo tem como objetivo apresentar e analisar os dados recolhidos ao longo das entrevistas e dos questionários aplicados. No primeira subcapítulo, podemos encontrar a análise de conteúdo das entrevistas realizadas, a quatro docentes de diversas áreas, e as suas reflexões individuais sobre o tema. Por último, no segundo subcapítulo, podemos encontrar a análise dos resultados dos inquéritos por questionário aos encarregados de educação.

7.1. Inquérito por entrevista

Esta investigação foi composta por outro instrumento de recolha de dados: a entrevista semiestruturada. Primeiramente foi construído um guião de entrevista (ver anexo A – Guião de Entrevista), que foi aplicado a quatro docentes da área da educação que eram responsáveis por quatro turmas de diferentes níveis de ensino.

As entrevistas agora analisadas, foram efetuadas durante os diferentes contextos de estágio, inseridos no plano curricular do curso.

É importante salientar que todos os procedimentos éticos e legais foram salvaguardados, dado que as entrevistas foram registadas em formato de áudio com recurso do gravador do telemóvel. Posto isto, foram reproduzidas as vezes necessárias para a realização da sua transcrição (ver anexo C – Transcrição das Entrevistas). Deste modo, foi possível a análise de conteúdo sem ter sido necessário utilizar nenhuma ferramenta informática para a sua realização.

Tendo em conta que os blocos I e II correspondem ao enquadramento da presente investigação junto dos entrevistados e ao perfil geral, carece de uma análise de conteúdo. Por este motivo, a análise das entrevistas vai ter início no bloco III.

Bloco III - Conhecer a forma como o Educador de Infância, o Docente do 1.º Ciclo do Ensino Básico e as famílias se relacionam com as tecnologias de informação e comunicação.

No bloco III procurou-se “Conhecer a forma como o Educador de Infância, o Docente do 1.º Ciclo do Ensino Básico e as famílias se relacionam com as tecnologias de informação e comunicação.”. Com as duas primeiras questões pretendeu-se perceber se “Utiliza diariamente as tecnologias de informação e comunicação?” e “Quais?”. Todas as entrevistadas afirmaram que utilizavam as tecnologias de informação e comunicação diariamente, sendo algo indispensável para o seu dia a dia.

Educadora A: “Utilizo diariamente, mas hoje em dia com a internet isso é muito mais comum acontecer, visto que temos tudo à mão.”. “(...) É o e-mail ou via telefone.”.

Educadora B: “(...) Todas as semanas enviamos, por e-mail, a planificação aos pais.

E neste momento não temos grupo do Whatsapp, tínhamos o ano passado mas este ano não temos. Mas também é uma forma de eu comunicar a título individual com cada um deles, e não por grupo.”.

Professora A: “Sim, para contatar com os pais e para as planificações. Normalmente utilizo o e-mail e o WhatsApp.”.

Professora B: “Sim.”. “(...) é o e-mail institucional.”. “Às vezes, até pelo WhatsApp comunicamos, para além das mensagens e telefonemos e recados escritos.”.

Com estas duas questões também foi possível compreender que todas as entrevistadas utilizavam o e-mail para realizar essa comunicação. No entanto, a educadora B, afirmou que utiliza o Whatsapp para comunicar com algumas famílias a título individual. A professora A também revelou utilizar o Whatsapp e o Teams para a auxiliar nessa função. E a professora B referiu ainda que para além destas duas tecnologias também recorria a telefonemas e mensagens.

No que se refere às questões “Utiliza-as também para comunicar com as famílias dos seus alunos?”, “Com que regularidade?”. As respostas das entrevistadas foram semelhantes, uma vez que todas referiram que utilizam as TIC, com regularidade, para comunicar com as famílias. A educadora A e a educadora B afirmaram que utilizam semanalmente e as restantes entrevistadas mencionaram que o faziam sempre que necessário.

A análise destas questões levaram-me a concluir que todas as docentes entrevistadas utilizam as TIC, nomeadamente, como um recurso facilitador para comunicarem com famílias dos seus alunos.

À questão “Consegue identificar algumas vantagens e desvantagens que sente em realizar essa comunicação através das tecnologias de informação e comunicação?”. Na opinião das quatro entrevistadas as vantagens sobrepõem-se às desvantagens:

Educadora A: “Diariamente, eu acho que o e-mail, hoje em dia, é uma coisa que toda a gente tem sempre à mão. A nível do Whatsapp é muito mais fácil, só que é assim, isto tem tudo um pós e um contra. Se é muito fácil chegar aos pais também é muito fácil cair, porque tudo aquilo que se quer e não se quer é dito no grupo do Whatsapp. Tudo aquilo que uma mãe que queria prejudicar ou queira contaminar o grupo, também assim o consegue fazer. Contudo, penso que a presença do educador também é um bocado para controlar a situação e para se poder também defender de algum pormenor que escape, de algum pai que tenha maldade numa situação que não teve maldade.”.

Educadora B: “A vantagem é que a qualquer momento podemos contactar os pais, através dessa tecnologia. E a desvantagem é que depois podemos ser abordadas a qualquer hora do dia ou da noite, quer no horário laboral, quer no horário não laboral. Somos abordados pelos pais a esse nível.”.

Professora A: “A maior proximidade, eu acho que há uma grande proximidade entre a escola e a família.”. “A desvantagem é que nem toda a gente tem possibilidades de acesso a essas tecnologias. É que nós numa turma temos 20 alunos, mas nem todos os encarregados de educação conseguem ter acesso.”.

Professora B: “Bem, para já é rápido, não é? É uma das vantagens. Depois a desvantagem, e isto também um bocadinho agravado com a questão da pandemia, é não haver o contato presencial. É diferente a pessoa falar diretamente com outra e principalmente o facto de ser escrita, as mensagens ou o e-mail. Às vezes, até más interpretações de mensagens de ambas as partes, não é? E pronto, eu pessoalmente gosto muito mais do contato presencial, mas é verdade que é mais rápido. Mandamos uma mensagem e automaticamente sabemos se a pessoa viu a mensagem ou não, temos a resposta o que é rápido. Mas pronto, o presencial para mim é preferível.”.

Relativamente à questão “Sente algum tipo de dificuldade ao utilizar as tecnologias de informação e comunicação?”, todas as participantes revelaram não sentir dificuldades ao utilizarem as TIC.

Educadora A: “Não.”.

Educadora B: “Nenhum.”.

Professora A: “Não, não. Eu não sou uma grande técnica, ainda não tenho os conhecimentos que gostaria de ter, mas aquilo que eu vou aprendendo nas formações tento aplicá-lo no dia a dia.”.

Professora B: “Não, não.”.

Em relação à questão “Que tipo de assuntos trata através das tecnologias?”, através das respostas das entrevistadas foi possível perceber que os principais assuntos tratados são a partilha da planificação semanal, um pedido de colaboração em alguma atividade e assuntos individuais de cada aluno como, por exemplo, mau comportamento, um pedido de ajuda para alguma situação que esteja a acontecer, entre outros.

No que diz respeito à questão “Na sua perspetiva sente que existe alguma limitação ou obstáculo, por parte das famílias, na utilização das tecnologias?”, a educadora A e a educadora B responderam que não sentem nenhum obstáculo ou limitação por parte das famílias na utilização das tecnologias. Já a professora A e a professora B afirmaram que sentiram alguns obstáculos e limitações.

No que se refere às questões “E considera que a situação pandémica alterou a forma como o professor e a família passaram a utilizar as tecnologias para comunicar?” e “Porquê?”. Para todas as entrevistadas a situação pandémica teve um grande impacto na forma como as famílias e os docentes passaram a utilizar as tecnologias, pois a sua utilização passou a ser bastante mais regular.

Educadora A: “Bastante, bastante, bastante. Na altura, fazíamos as nossas aulas todas através da net, das tecnologias, do zoom.”.

Educadora B: “Sim.”. “Porque foi a única forma que eles encontraram também de se dirigir a nós. As portas da escola fechadas, não é? Sem conseguirem ter contato todos os dias, como eles gostam, com o educador ou com o professor essa foi a maneira mais simples e depois acabou por se tornar usual comunicarmos dessa forma.”.

Professora A: “Completamente.”. “(...)anteriormente os atendimentos aos encarregados de educação eram presenciais e tínhamos um dia semanal. Agora com esta situação normalmente, de uma maneira geral, fazem-se através da plataforma online.”.

Professora B: “Sim, utilizamos mais.”.

Para terminar a entrevista foi realizada a questão “E que estratégias utiliza para que as famílias consigam acompanhar o quotidiano das atividades dos seus filhos?”, a educadora B referiu que a estratégia que utilizava era o envio da planificação semanal todas as semanas. E as restantes docentes responderam da seguinte forma:

Educadora A: “Eu mando vídeos, mando fotografias, tudo por e-mail ao final da semana.”.

Professora A: “Partilhando o maior número possível de informação, motivando os próprios alunos no que é necessário para que eles cheguem a casa e vão motivados e incentivem as famílias a colaborarem nessas atividades da plataforma, não é? Porque muitas vezes se as crianças forem estimuladas na escola, chegam a casa e são elas que vão entusiasmar e dar vontade ao pai ou à mãe de preparar tudo o que é necessário para a criança

desenvolver atividade, não é? Porque se as crianças não forem motivadas e se os pais não estiverem atentos, porque há muitos que não estão atentos, não é? Mas eu acho que o ponto de partida é a criança.”.

Professora B: “(...)Usamos muito o e-mail, a pedir também essa ajuda, esse acompanhamento e isso tudo. (...)”.

Concluindo, no que concerne a todas as respostas às questões da entrevista, é possível compreender que as TIC têm bastante relevância na ligação Escola-Família, dado que, atualmente são de fácil acesso. É ainda importante realçar as vantagens referidas pelas docentes relativamente à utilização das TIC, no contexto laboral, e como podem, de uma forma tão simples, contribuir para aproximar a família e a escola.

7.2. Inquéritos por questionário

O presente subcapítulo é direcionado à apresentação e análise de dados relativos às respostas dadas pelos encarregados de educação, de quatro turmas, ao inquérito por questionário (ver anexo B- Inquérito por Questionário) que foi aplicado.

Grupo A- Identificação

Num grupo de sessenta e cinco encarregados de educação que responderam ao inquérito por questionário, cinquena e oito encarregados de educação são do sexo feminino, sendo apenas sete do sexo masculino.

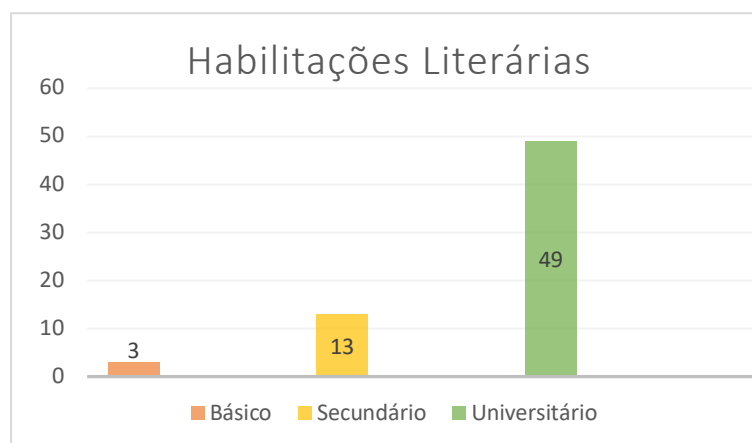


Gráfico 1 - Habilitações Literárias dos Encarregados de Educação

No gráfico 1, podem ser observadas as habilitações académicas de todos os encarregados de educação. Na sua maioria (49 encarregados de educação), as habilitações correspondem ao Ensino Universitário. Apenas três encarregados de educação possuem o Ensino Básico, correspondente ao 9.º ano de escolaridade, e

também apenas treze encarregados de educação têm o Ensino Secundário.

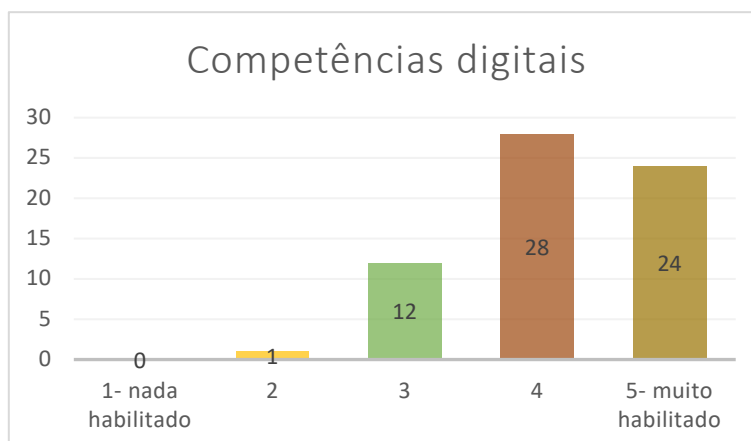


Gráfico 2- Competências digitais dos Encarregados de Educação

Como podemos verificar no gráfico 2, a maioria (28) dos encarregados de educação considerou que as suas competências digitais representam um nível 4. Vinte e quatro encarregos de educação assumiram que estão muito habilitados, estando no nível 5, e doze no nível 3. Apenas um encarregado de educação indicou que se classificava no nível 2. Posso assim concluir que, os encarregados de educação têm favoráveis competências digitais.

Grupo B- Relação com o professor

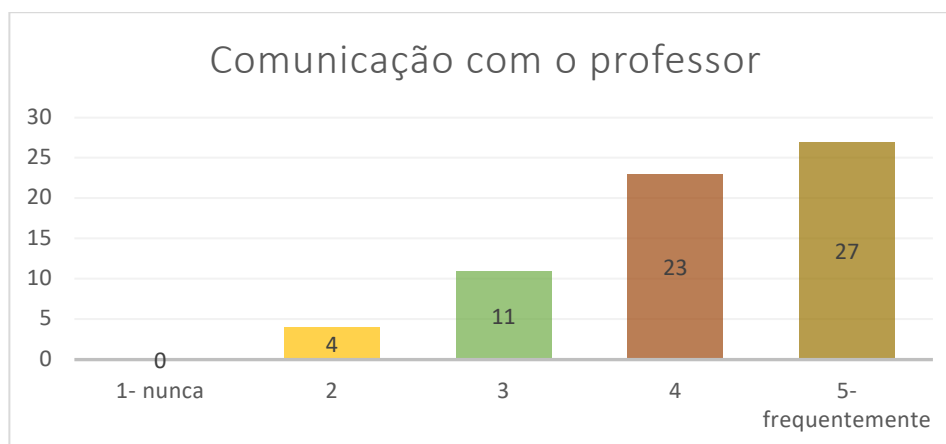


Gráfico 3- Comunicação com o professor

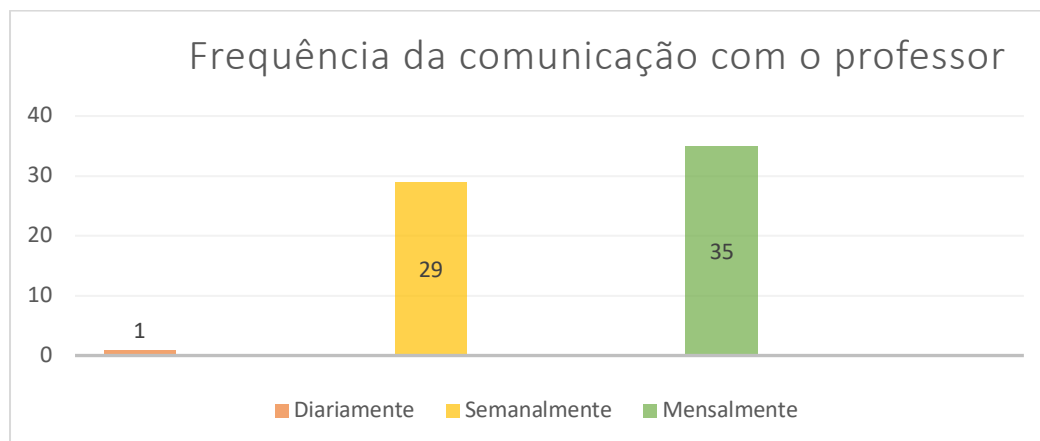


Gráfico 4- Frequência da comunicação com o professor

Relativamente ao gráfico 3, verificamos a assiduidade da comunicação entre o encarregado de educação e o docente onde observamos que a maioria mantém um contato frequente, uma vez que a maioria refere que comunica frequentemente com o profissional de educação.

Em relação a essa frequência, no gráfico 4 conseguimos aferir que a maioria (35) dos encarregados de educação a realiza mensalmente, outra parte (29) efetua essa comunicação semanalmente e apenas um encarregado de educação a pratica diariamente.

Em suma, podemos afirmar que todos os encarregados de educação têm uma comunicação regular com os docentes, ainda que alguns mantenham um contato mais assíduo que outros.

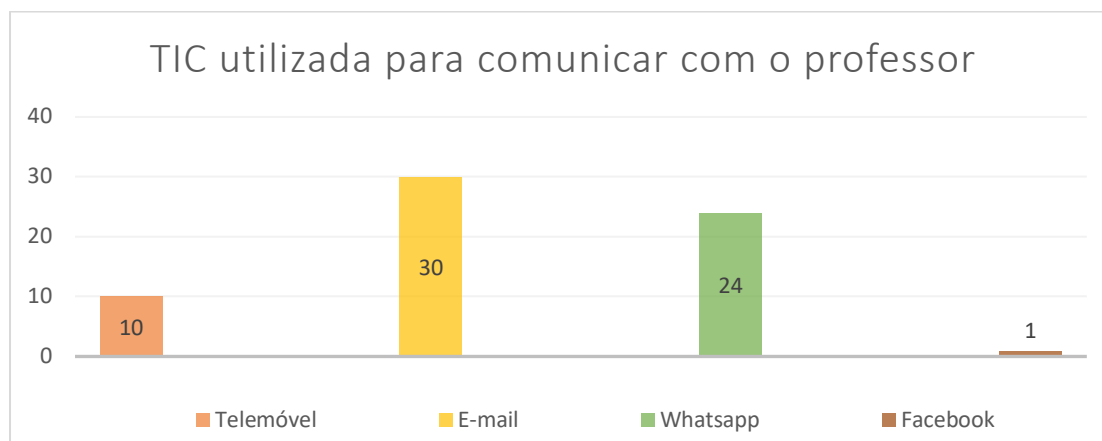


Gráfico 5- TIC utilizada para comunicar com o professor

No que diz respeito ao gráfico 5, podemos observar que a maioria (30) dos encarregados de educação utiliza o *e-mail* para comunicar com o professor, apesar de também ser evidente (24) a utilização do *whatsapp* como meio de comunicação. É ainda importante salientar que dez encarregados de educação escolheram o telemóvel, como forma de transmitir informação, e que apenas um escolheu o *facebook*.

Através destes dados é possível destacar que o *e-mail* e o *whatsapp* são as tecnologias de informação e comunicação preferenciais dos encarregados de educação.

Por fim, é possível verificar que as respostas dadas a esta questão e à questão anterior (gráfico 4) coincidem com as respostas dadas, pelas professoras e educadoras entrevistados, às perguntas “Utiliza diariamente as tecnologias de informação e comunicação?”, “Quais?”, “Utiliza-as também para comunicar com as famílias dos seus alunos?” e “Com que regularidade?”.

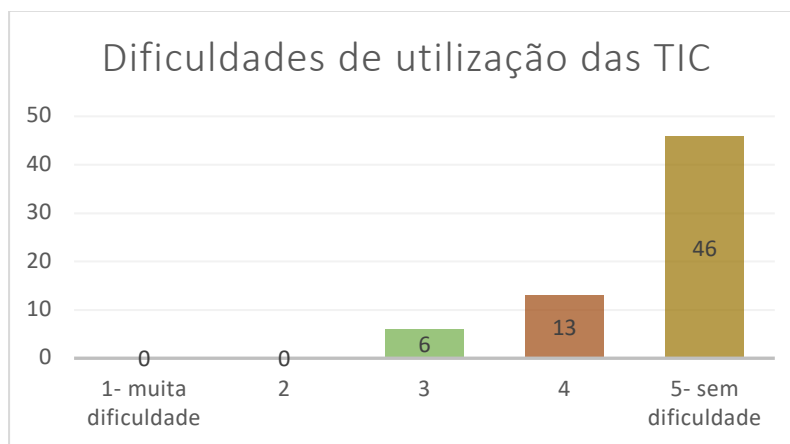


Gráfico 6- Dificuldades de utilização das TIC

Relativamente às dificuldades de utilização das TIC como podemos verificar no gráfico 6, quarenta e seis encarregados de educação consideraram que não têm dificuldades na sua utilização, representando o nível 5. Treze encarregados de educação assumiram que as suas dificuldades representam um nível 4. Como conseguimos observar, os restantes (6) encarregados de educação situaram-se no nível 3.

Atendendo à análise do gráfico conseguimos concluir que a maioria dos encarregados de educação não sentem dificuldades na utilização das TIC, e os que sentem são dificuldades facilmente ultrapassáveis.

Por último, perante estas respostas e as respostas dadas, pelas educadoras e professoras entrevistadas, à questão “Sente algum tipo de dificuldade ao utilizar as tecnologias de informação e comunicação?”, consigo verificar que a tanto os encarregados de educação com os docentes utilização com facilidade as tecnologias de informação e comunicação.

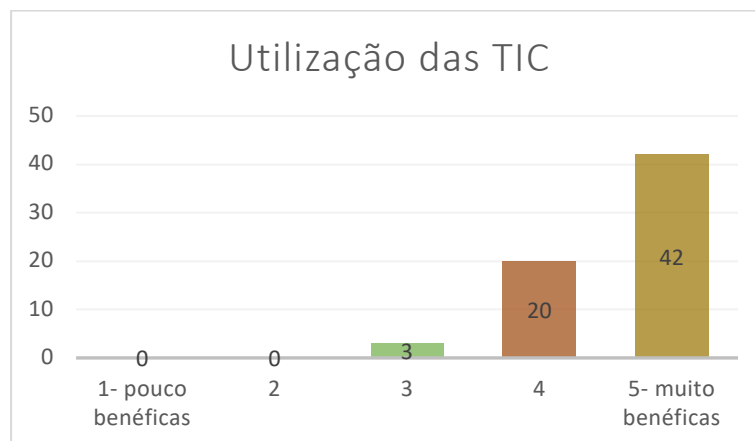


Gráfico 7- Utilização das TIC

No gráfico 7, podemos observar a opinião dos encarregados de educação em relação à utilização das TIC em que a maioria (42) identifica como muito benéficas, nível 5, e vinte situaram-se no nível 4.

Apenas três encarregados de educação situaram a utilização das TIC no nível 3.

Podemos assim concluir que a utilização das tecnologias de informação e comunicação para a transmissão de informação é muito benéfica para a maioria dos encarregados de educação.

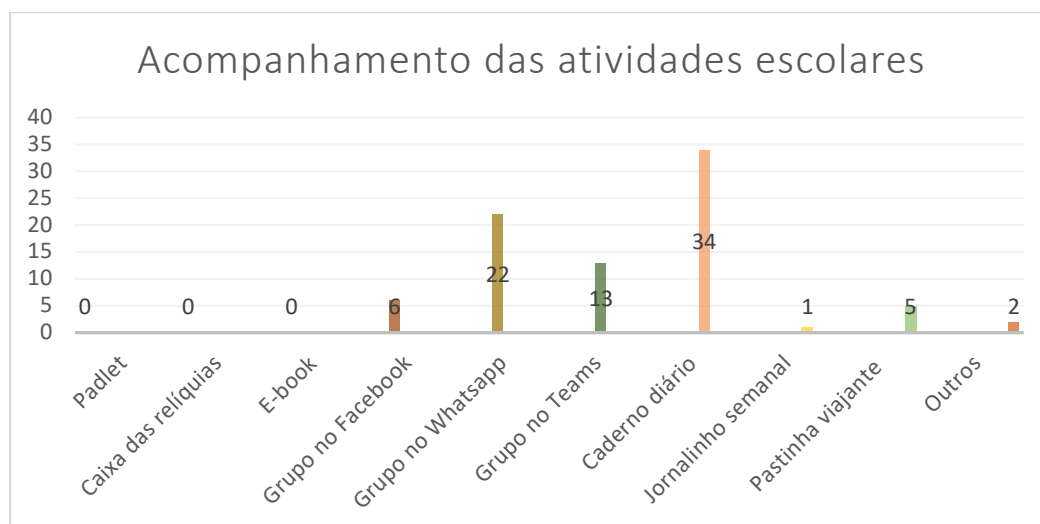


Gráfico 8 - Acompanhamento das atividades escolares

Para finalizar, no gráfico 8 podemos verificar que a maioria (34) dos encarregados de educação acompanha as atividades escolares dos seus educandos através do caderno diário, apesar de ser evidente que também realizam esse acompanhamento através do grupo do *whatsapp* (22). É ainda importante salientar que dois encarregados de educação referiram que também conseguiam realizar esse acompanhamento através do e-mail (no gráfico esta opção está representada no parâmetro “outros”).

É notório que o grupo no Microsoft Teams (13) também é uma boa opção para o acompanhamento das atividades escolares. Por outro lado, o grupo no Facebook (6), o jornalinho semanal (1) e a pastinha viajante (5) não são tão utilizados para esta finalidade.

Em jeito de síntese, pode-se afirmar que os encarregados de educação conseguem acompanhar o quotidiano das atividades dos seus educandos, por intermédio das várias opções dadas por cada docente. Também é possível perceber quais são essas opções através das respostas dadas pelas educadoras e professoras entrevistadas, à questão “E que estratégias utiliza para que as famílias consigam acompanhar o quotidiano das atividades dos seus filhos?”. E assim, observar que tanto as respostas dos docentes como as dos encarregados de educação estão em concordância.

É essencial referir que os encarregados de educação selecionaram mais que uma opção e que tive uma amostra de sessenta e cinco encarregados de educação.

8. Principais conclusões

Por último, no oitavo capítulo, são apresentadas as conclusões e as limitações encontradas na investigação, assim como, as sugestões para as futuras investigações.

8.1. Conclusão da investigação

A realização desta investigação, ocorre no final de todo o percurso formativo e espelha todo o trajeto enquanto investigadora.

A possibilidade de estagiar em diversos contextos ajudou-me a conhecer as realidades que são vividas em contexto de Creche, Jardim de Infância e 1.º ciclo, a aplicar e adequar a teoria à prática e a obter novas aprendizagens. O facto de questionar, a vontade de querer saber sempre um pouco mais e de progredir a cada intervenção significaram uma evolução bastante positiva enquanto futura educadora e professora. Apesar de no início sentir algumas dificuldades, considero que foram ultrapassadas através de algumas leituras, dos conselhos e dos feedbacks dados pelas professoras cooperantes e pelas professoras supervisoras.

No que se refere à problemática deste estudo investigativo, é importante salientar que teve sempre presente ao longo de todas as práticas supervisionadas. Posto isto, para a conclusão da investigação é pertinente relembrar a questão-problema que orientou esta investigação: “Como é que as tecnologias de informação e comunicação podem ser um recurso facilitador do envolvimento Escola-Família?”.

Uma vez que as tecnologias de informação e comunicação estão presentes ao longo de todo o quotidiano do ser humano, questionei-me se estes meios de comunicação, teriam influência na ligação entre a escola e a família. Posto isto, questionei educadores, professores

e encarregados de educação, com base em toda a literatura consultada, com o objetivo de encontrar as respostas que procurava.

Iniciei o processo de investigação com leituras e pesquisas sobre a temática, fundamentais para o enriquecimento do meu conhecimento, possibilitando-me elaborar as minhas próprias conceções e associá-las com a prática. Desta forma, efetuei entrevistas a docentes (educadores de infância e professores) e questionários a encarregados de educação, o que se revelou uma mais-valia, dado que permitiram entender as conceções e estratégias utilizadas para estabelecer a relação Escola-Família.

Em suma, todas as aprendizagens relacionadas com este exercício investigativo e todos os recursos inerentes ao mesmo, possibilitaram-me aprofundar o conhecimento relativamente à temática e perceber que as tecnologias são uma ferramenta bastante importante na relação entre a escola a família. Compreendendo assim que contribuem para uma aproximação das famílias pois, as tecnologias de informação e comunicação permitem estreitar a relação entre a Escola-Família.

8.2. Limitações e sugestões para futuras investigações

As principais limitações sentidas nesta investigação prendem-se, principalmente, pela pouca experiência da investigadora, mas apesar dessas dificuldades foi sempre feito um esforço para ultrapassar os obstáculos que iam surgindo.

Uma outra limitação, desta investigação, foi o facto de alguns encarregados de educação demorarem muito tempo a responder ao questionário ou alguns nem sequer responderem.

Também é importante salientar que as conclusões obtidas não podem ser generalizadas, uma vez que a amostra recolhida é reduzida.

No futuro, seria importante aumentar a dimensão da amostra para que fosse possível chegar a uma maior conclusão dos resultados. Nesta proposta, dá-se seguimento à preocupação de se prosseguir com a fomentação da aproximação entre a escola e a família.

Parte III – Reflexão final

O professor deve ser como um jardineiro, providenciar as melhores condições externas para que as plantas sigam o seu desenvolvimento natural. Afinal, a semente traz em si o projeto da árvore toda.
(Johann Heinrich Pestalozzi)

A elaboração do presente relatório final para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, aparece no final do meu trajeto formativo e espelha todo o percurso como estagiária, nos diferentes contextos, e também como investigadora.

Todo o procedimento de execução dos estágios, assim como a elaboração do presente relatório, deram-me a oportunidade de construir conhecimentos referentes à prática pedagógica dos docentes e de refletir de forma crítica e consciente sobre as minhas práticas.

Segundo Pimenta e Gonçalves (2004) “consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará(...)” (p.45).

Assim sendo, a possibilidade de estagiar em diversos contextos proporcionou-me experienciar as realidades vividas em Creche, Jardim de Infância e 1.º ciclo, pôr em prática e adaptar a teoria à prática e alcançar novas aprendizagens. O questionamento, a vontade que querer saber mais e de progredir a cada intervenção determinaram uma evolução, que considero bastante positiva, enquanto futura educadora e docente do 1.º ciclo. Ainda que, no início, tenham surgido algumas dificuldades e receios, foram rapidamente ultrapassados com o auxílio de leituras e dos conselhos das docentes cooperantes e das docentes supervisoras.

No desenrolar de todos os estágios tentei criar vínculos afetivos com as crianças, saber as suas necessidades, dificuldades, interesses e motivações, com o objetivo de desenvolver um trabalho pedagógico flexível, eficaz e adequado aos interesses e necessidades dos alunos. Durante todas as minhas práticas, considerei indispensável estar ciente destas necessidades e individualidades do desenvolvimento.

Acredito ter promovido ambientes de aprendizagem que motivassem e envolvessem os alunos, enquanto elemento no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, escolhi diversas experiências educativas, como, atividades diversificadas, que privilegiaram a utilização de recursos didáticos, permitindo assim dirigir a atividade das crianças e a utilização de recursos educativos online, entre outros.

A realização da reflexão relativamente à prática deu-me a possibilidade de, a cada intervenção, identificar fragilidades e dificuldades. O reconhecimento das dificuldades permitiu-me pensar sobre elas, com o propósito de melhorar enquanto profissional e pessoa.

A reflexão é importante para os professores, porque têm uma responsabilidade acrescida na compreensão do presente e na preparação do futuro. Compete-nos interpretar na atualidade os sinais emergentes do provir para o qual estamos preparando as nossas crianças e os nossos jovens cuja formação, a sociedade, em parte, quis confiar-nos.

(Alarcão, 2001, p.10)

No que se refere à problemática deste estudo investigativo, considero que esteve sempre muito presente ao longo das minhas práticas supervisionadas. O primeiro questionamento sobre este tema ocorreu após observar, em contexto de estágio, a relação entre a escola e a família com o auxílio das tecnologias. Perante o meu desconhecimento sobre a temática reconheci a necessidade de investigar e aprofundar o meu conhecimento.

O processo de investigação iniciou-se com pesquisar e leituras sobre a temática, fundamentais para o enriquecimento e desenvolvimento do meu conhecimento relativamente a esta, sendo possível elaborar as minhas conceções e confrontá-las com a prática. Desta forma, realizei entrevistas a educadoras e professoras e inquéritos por questionário aos encarregados de educação, o que se tornou essencial, na medida em que me possibilitaram entender as suas conceções e estratégias para manter a ligação Escola-Família utilizando as tecnologias.

Em conclusão, de todas as aprendizagens retiradas deste estudo investigativo, o processo de autoanálise e todos os recursos intrínsecos ao estudo, deram-se a possibilidade de aprofundar o meu conhecimento sobre o tema e perceber que as tecnologias são bastante importantes, dado que permitem o estreitamento da ligação entre a escola e a família.

Parte IV - Referências bibliográficas

- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação- Um guia prático e crítico*. Fundação Manuel Leão.
- Andersen, E. (2013). *Multimídia digital na escola*. Paulinas.
- Antunes, M. (2017). *A tecnologia digital na integração creche-família*[Dissertação de mestrado não publicada]. Faculdade de Educação.
- Baltazar, J., Moretti, L., & Balthazar, M. (2006). *Família e escola um espaço interativo e de conflitos*. Artes & Ciência Editora.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Caetano, L., & Yaegashi, S. (2014). *Relação escola e família: Diálogos interdisciplinares para a formação da criança*. Paulinas.
- Caroço, V. (2015). *Os blogues educativos como fator de aproximação entre a família e a escola*[Dissertação de mestrado não publicada]. Escola Superior de Educação de Castelo Branco.
- Cebolais, R. (2010). *A valorização da relação Família-Escola*[Dissertação de mestrado, Universidade técnica de Lisboa]. <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3316/1/A%20valorização%20da%20Relação%20Família-Escola%20-%20Rita%20Cebolais.pdf>
- Cerqueira, T. (2013). *A comunicação entre a escola e os pais/encarregados de educação*[Dissertação de mestrado não publicada]. Escola Superior de Educação do Porto.
- Coutinho, C. (2018). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas - teoria e prática*. Almedina.
- Deshaies, B. (s.d.). *Metodologia da investigação em ciências humana*. Instituto Piaget.
- Diogo, J. (1998). *Parceria escola-família : A caminho de uma educação participada*. Porto Editora.
- Diogo, M. (2018). *A comunicação mediada por computador, através de e- mail, na relação escola-família no 1o Ciclo do Ensino Básico: Estudo Caso*[Dissertação de mestrado não publicada]. Escola Superior de Educação de Castelo Branco.
- Godoy, A. (1995). Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*, 35, 20–29.
- Jesus, H., & Neves, A. (2004). *Relação escola- aluno - família: Educação intercultural, uma perspetiva sistémica*. Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (Acima). <https://cidadaniaemportugal.pt/wp-content/uploads/recursos/caderno-de-apoio-a-formacao-n-2.pdf>
- Larrote, A., Igea, D., & Arnal, J. (1996). *Bases metodológicas de la investigación educativa*. Experiencia.
- Maia, C. (2010). *A interação entre famílias e a relação família-escola - O impacte das tecnologias de informação e comunicação nas necessidades educativas especiais*[Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro]. <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/1437/1/2010001671.pdf>
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Editorial Presença.
- Marques, H. (2012). *Competências dos professores e a integração das TIC na prática pedagógica nas ciências sociais e humanas (2.º e 3.º CEB)*[Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Lisboa.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto Editora.
- Minayo, M., & Costa, A. (2018). Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de educação*, 40(40), 139–153.
- MSI-Missão para a Sociedade de Informação. (1997). *Livro verde para a sociedade de informação*. MISI/ Ministério da Ciência e da Tecnologia.

- Montadon, C., & Perrenoud, P. (2001). O que a escola faz às famílias. In *Entre Pais e Professores, um diálogo impossível?*(pp. 57–112). Celta Editora.
- Moran, J. (1995). Novas tecnologias e o reencantamento do mundo. *Tecnologia Educacional*, 23(126), 24–25.
- Naughton, S. (2004). *Preschool issues concerning English language learners and immigrant children: The importance of family engagement*. Children Now.
- Ochoa, G. (2006). *Funcionamiento familiar, socialización familiar y ajuste en la adolescência. La familia en el processo educativo*. Ediciones Cinca.
- Oliveira, S. (2002). *Metodologia científica aplicada ao direito*. Thomson Learning.
- Pardal, L., & Lopes, E. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social*. Areal Editores.
- Pereira, M. (2008). *A relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*[Dissertação de doutoramento, Universidade de Málaga]. <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2238/1/PAULA.COLARES.Relacao.Pais.Professores.pdf>
- Picanço, A. (2012). *A relação entre escola e família: As suas implicações no processo de ensino-aprendizagem*[Dissertação de mestrado não publicada]. Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ponte, J. (2002). *As TIC no início da escolaridade: Perspectivas para a formação inicial de professores*. Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Prado, D. (2017). *O que é família*. São Paulo: Editora Brasiliense
- Reis, C. (2022). *A Relação Escola Família*. Politécnico de coimbra. Coimbra: [Tese de Mestrado, Escola Superior de Educação - Politécnico de Coimbra].
- Reis, M. (2022). *A Relação de Cooperação/Colaboração Escola-Família: Um Estudo na Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Odívelas: [Tese de Mestrado, Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo].
- Ribeiro, R. (2016). *As tecnologias na comunicação escola-família: Um projeto de utilização de plataformas online numa escola dos 2.º e 3.º ciclo do ensino básico*[Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Lisboa.
- Severino, J. (2007). *Metodologia do trabalho científico*. Cortez. <https://www.ufrb.edu.br/ccaab/images/AEPE/Divulgação/LIVROS/Metodologia do Trabalho Científico - 1ª Edição - Antonio Joaquim Severino - 2014.pdf>
- Strauss, A., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teorias fundamentadas*. Porto Alegre.
- Thomas, W. (1997). *Sociological theory*. Mcmillan.
- Vieira, M. (2021). *Integração das tecnologias digitais na prática pedagógica*[Dissertação de mestrado não publicada]. Universidade de Lisboa.
- Yin, R. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Bookman.

Parte V - Anexos

Anexo A - Guião de Entrevista

Público-alvo: Educador de Infância e Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Temas	Objetivos	Exemplos de questões
Bloco I Introdução	1-Legitimar a entrevista 2- Motivar o entrevistado	• Informar o entrevistado do tema da entrevista e da sua importância para o trabalho final do Mestrado em Educação Pré-Escola e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico; Informar que sou estudante da ESE de Santarém e que estou a realizar um estudo sobre a ligação Escola família mediada pelas tecnologias, com a orientação da professora Cristina Novo. • Assegurar a confidencialidade e o anonimato de todas as respostas às questões; • Informar que o entrevistado poderá ter acesso à gravação da entrevista e à sua transcrição.

Bloco II Caraterizar o entrevistado	1. Averiguar a realização de formação na área das tecnologias; 2. Reunir elementos sobre a trajetória profissional do entrevistado, em particular relacionada com as tecnologias.	Durante a sua formação inicial teve alguma cadeira da área das tecnologias de informação e comunicação? Se sim, qual ou quais? Que conteúdos trabalhou? Quais as principais aprendizagens que fez na altura? E utilizou essas aprendizagens? E na formação contínua, nos últimos 5 anos fez algum curso ou oficina de formação na área das tecnologias de informação e comunicação? Se sim, que conteúdos trabalhou? Aplicou o conhecimento construído com os seus alunos?
Bloco III Docente do 1º Ciclo do Ensino Básico/Educador de Infância	1- Conhecer a forma como o Educador de Infância, o Docente do 1.º Ciclo do Ensino Básico e as famílias se relacionam com as tecnologias de informação e comunicação.	Utiliza diariamente as tecnologias de informação e comunicação? Se sim, quais? (email, whatsapp) Utiliza mais em situações pessoais ou laborais? Utiliza-as também para comunicar com as famílias dos seus alunos? Com que regularidade? (semanalmente,...) Atualmente, que tecnologias de informação e comunicação utiliza para manter essa comunicação? Que tecnologias da informação e comunicação é que as famílias utilizam para comunicar informações? Consegue identificar algumas vantagens e desvantagens que sente em realizar essa comunicação através das

		tecnologias de informação e comunicação? Sente algum tipo de dificuldade ao utilizar as tecnologias de informação e comunicação? Se sim, qual ou quais? Que tipo de assuntos tratam através das tecnologias? Na sua perspetiva, sente que existem limitações ou obstáculos, por parte das famílias, na utilização das tecnologias? Se sim, qual ou quais? Considera que a situação pandémica alterou a forma como professor/educadores e família passaram a utilizar as tecnologias para comunicar? Se sim, porquê? E que estratégias utiliza para que as famílias consigam acompanhar o quotidiano das atividades dos seus filhos?
--	--	--

Anexo B - Inquérito por Questionário

Inquérito por questionário

Caro Encarregado de Educação,

O meu nome é Joana Correia, sou estudante da Escola Superior de Educação de Santarém e frequento o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico. Estou a realizar uma investigação, para o trabalho final do Mestrado, intitulada «A ligação Escola família mediada pelas tecnologias», com o objetivo de perceber a influência que as tecnologias têm na relação entre a Escola e a família.

Todas as informações recolhidas são estritamente confidenciais. Os dados de identificação solicitados servem apenas para efeito de interpretação das outras respostas. Preencha, sempre que possível com um x.

Identificação:

1. Sexo: Masculino ☐

Feminino ☐

2. Habilitações Literárias:

Básico	Secundário	Universitário
☐	☐	☐

3. Numa escala de 1 a 5, quais são as suas competências digitais?
Classifique numa escala de 1 a 5 (1 nada habilitado – 5 muito habilitado).

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐

Relação com o professor:

1. Utiliza as tecnologias para comunicar com o professor do seu filho?
Classifique numa escala de 1 a 5 (1 nunca – 5 frequentemente).

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐

1.1. Se respondeu frequentemente, indique:

Diariamente ☐ Semanalmente ☐ Mensalmente ☐

2. Quais as tecnologias de informação e comunicação que utiliza para comunicar informações ao professor titular de turma/ educador?

Telemóvel ☐ E-mail ☐ WhatsApp ☐ Facebook ☐ Outro(s): _____

3. Sente algum tipo de dificuldade ao utilizar as tecnologias de informação e comunicação? Classifique numa escala de 1 a 5 (1 muita dificuldade – 5 sem dificuldade).

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐

4. Considera que as tecnologias de informação e comunicação são benéficas para a comunicação de informações? Classifique numa escala de 1 a 5 (1 pouco benéficas – 5 muito benéficas)

1 ☐ 2 ☐ 3 ☐ 4 ☐ 5 ☐

5. Como é que consegue acompanhar o quotidiano das atividades dos seus filhos? (Pode assinalar várias opções).

Padlet ☐

Caderno diário ☐

E-book ☐

Caixa das relíquias ☐

Grupo no Facebook ☐

Jornalinho semanal ☐

Grupo no Whatsapp ☐

Pastinha viajante ☐

Grupo no Microsoft Teams ☐

Se outros, quais: _____

Anexo C – Transcrição das Entrevistas

Educadora A

Entrevistador: (em off) Boa tarde, antes de mais gostaria de agradecer a sua disponibilidade. O tema desta entrevista é “A ligação Escola-Família mediada pelas tecnologias” e será fundamental para a conclusão do trabalho final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Sou estudante da Escola Superior de Educação de Santarém e estou a realizar este estudo com a orientação da professora Cristina Novo.

Todas as respostas às questões são confidenciais e anónimas. Autoriza-me a gravar a entrevista? Se pretender poderá ter acesso à gravação da entrevista e à sua transcrição.

Entrevistador: Muito bem! Durante a sua formação inicial teve alguma cadeira da área das tecnologias de informação e comunicação?

Educadora A: Sim.

Entrevistador: E que conteúdos trabalhou?

Educadora A: A conteúdos básicos, o Word, o Excel, pronto mais nada. As redes sociais que formámos um e-mail, mas eu já tenho 20 e tal anos de serviço. Na altura foi quando começaram a aparecer nas salas de aula os computadores. Portanto, era tudo muito primário.

Entrevistador: E quais foram as principais aprendizagens que fez na altura?

Educadora A: Na altura fizemos várias aprendizagens, porque não era muito comum os computadores. Portanto, foi algo novo.

Entrevistador: E utilizou essas aprendizagens?

Educadora A: Utilizei essas aprendizagens.

Entrevistador: E na sua formação contínua nestes últimos 5 anos fez algum curso ou oficina de formação na área das tecnologias de informação e comunicação?

Educadora A: Fiz.

Entrevistador: E que conteúdos é que trabalhou?

Educadora A: Aí já aprofundei mais o Word, já aprofundei mais os vídeos e como fazer um vídeo com as crianças, que agora não me estou a lembrar o nome do programa.

Entrevistador: Não há problema. E depois aplicou esses conteúdos com os seus alunos?

Educadora A: Sim, sim, diariamente.

Entrevistador: E utiliza diariamente as tecnologias de informação e comunicação?

Educadora A: Utilizo diariamente, mas hoje em dia com a internet isso é muito mais comum acontecer, visto que temos tudo à mão. Alguma aula, algum tema que se aborde, é tudo mais fácil.

Entrevistador: E utiliza mais essas tecnologias para situações pessoais ou laborais?

Educadora A: Tanto um como outro.

Entrevistador: Também as utiliza para comunicar com as famílias dos seus alunos?

Educadora A: Também.

Entrevistador: Com regularidade?

Educadora A: Com regularidade. Todas as semanas, a nossa semana é partilhada com os pais através de e-mail ou através de grupos que se possam formar. Contudo, este ano não temos grupos do Whatsapp. Tivemos noutra altura de pandemia, neste momento não temos. É o e-mail ou via telefone.

Entrevistador: Consegue identificar algumas vantagens e desvantagens que sente ao realizar essa comunicação?

Educadora A: Diariamente, eu acho que o e-mail, hoje em dia, é uma coisa que toda a gente tem sempre à mão. A nível do Whatsapp é muito mais fácil, só que é assim, isto tem tudo um pós e um contra. Se é muito fácil chegar aos pais também é muito fácil cair, porque tudo aquilo que se quer e não se quer é dito no grupo do Whatsapp. Tudo aquilo que uma mãe que queria prejudicar ou queira contaminar o grupo, também assim o consegue fazer. Contudo, penso que a presença do educador também é um bocado para controlar a situação e para se poder também defender de algum pormenor que escape, de alguma pai que tenha maldade numa situação que não teve maldade.

Entrevistador: Sente alguma dificuldade ao utilizar as TIC?

Educadora A: Não.

Entrevistador: E sente algum tipo de dificuldade das famílias ao utilizarem essas tecnologias?

Educadora A: Não, até têm bastante facilidade.

Entrevistador: E considera que a situação pandémica alterou a forma como o professor e a família passaram a utilizar as tecnologias?

Educadora A: Bastante, bastante, bastante. Na altura, fazíamos as nossas aulas todas através da net, das tecnologias, do zoom.

Entrevistador: E que estratégias é que utiliza para que as famílias consigam acompanhar o quotidiano dos seus filhos?

Educadora A: Eu mando vídeos, mando fotografias, tudo por e-mail ao final da semana.

Entrevistador: Já terminámos. Muito obrigada pela sua participação.

Educadora A: De nada!

Educadora B

Entrevistador: (em off) Bom dia, antes de mais gostaria de agradecer a sua disponibilidade. O tema desta entrevista é “A ligação Escola-Família mediada pelas tecnologias” e será fundamental para a conclusão do trabalho final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Sou estudante da Escola Superior de Educação de Santarém e estou a realizar este estudo com a orientação da professora Cristina Novo.

Todas as respostas às questões são confidenciais e anónimas. Autoriza-me a gravar a entrevista? Se pretender poderá ter acesso à gravação da entrevista e à sua transcrição.

Entrevistador: Durante a sua formação inicial teve alguma cadeira na área das tecnologias de informação e comunicação?

Educadora B: Sim.

Entrevistador: E que conteúdos trabalhou?

Educadora B: Nós trabalhávamos mais conteúdos direcionados para depois conseguirmos fazer materiais multimédia para as crianças. Trabalhávamos os básicos, o Word, o Excel, o PowerPoint, e depois entrámos ali por caminhos mais específicos dentro da área dos materiais que nós trabalhamos.

Entrevistador: E utiliza essas aprendizagens?

Educadora B: Utilizei.

Entrevistador: E na sua formação contínua nos últimos 5 anos fez algum curso ou oficina de formação da área das tecnologias de informação e comunicação?

Educadora B: Não.

Entrevistador: Utiliza diariamente as tecnologias de informação e comunicação?

Educadora B: Sim.

Entrevistador: Quais?

Educadora B: Basicamente para pesquisar aulas que eu posso dar, a aplicação Pinterest. E também utilizo muitas outras. Todas as semanas enviamos, por e-mail, a planificação aos pais. E neste momento não temos grupo do Whatsapp, tínhamos o ano passado mas este ano não temos. Mas também é uma forma de eu comunicar a título individual com cada um deles, e não por grupo.

Entrevistador: E utiliza mais em situações pessoais ou laborais?

Educadora B: É igual! Quer pessoal, quer laboral.

Entrevistador: E como já referiu utiliza para falar com as famílias dos seus alunos, ou seja, com alguma regularidade?

Educadora B: Pelo menos semanalmente, sim. E, depois, algum caso específico a resposta também é feita dessa forma.

Entrevistador: E consegue identificar algumas vantagens e desvantagens que sente ao realizar essa comunicação através das tecnologias de informação e comunicação?

Educadora B: A vantagem é que a qualquer momento podemos contatar os pais, através dessa tecnologia. E a desvantagem é que depois podemos ser abordadas a qualquer hora do dia ou da noite, quer no horário laboral, quer no horário não laboral. Somos abordados pelos pais a esse nível.

Entrevistador: E sente algum tipo de dificuldade ao utilizar as tecnologias de informação e comunicação?

Educadora B: Nenhum.

Entrevistador: Que tipo de assuntos costuma tratar através dessas tecnologias?

Educadora B: Com os pais?

Entrevistador: Sim, sim.

Educadora B: Com já referi a nível da planificação semanal. Todas as semanas enviamos e depois assuntos individuais de cada aluno, aí também acabo por utilizar.

Entrevistador: E na sua perspetiva sente que existe alguma limitação ou obstáculo, por parte das famílias, em utilizarem essa tecnologia?

Educadora B: Não, acho que está tudo muito à vontade a esse nível.

Entrevistador: E considera que a situação pandémica alterou a forma como o professor e a família passaram a utilizar as tecnologias para comunicar?

Educadora B: Sim.

Entrevistador: Porquê?

Educadora B: Porque foi a única forma que eles encontraram também de se dirigir a nós. As portas da escola fechada, não é? Sem conseguirem ter contato todos os dias, como eles gostam, com o educador ou com o professor essa foi a maneira mais simples e depois acabou por se tornar usual comunicarmos dessa forma.

Entrevistador: E já referiu que para os pais poderem acompanhar as aprendizagens dos seus filhos envia a tal planificação semanalmente, certo?

Educadora B: Sim, e qualquer informação importante também vai através de e-mail.

Entrevistador: Ok, obrigada pela sua participação.

Professora A

Entrevistador: (em off) Bom dia, antes de mais gostaria de agradecer a sua disponibilidade. O tema desta entrevista é “A ligação Escola-Família mediada pelas tecnologias” e será fundamental para a conclusão do trabalho final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Sou estudante da Escola Superior de Educação de Santarém e estou a realizar este estudo com a orientação da professora Cristina Novo.

Todas as respostas às questões são confidenciais e anónimas. Autoriza-me a gravar a entrevista? Se pretender poderá ter acesso à gravação da entrevista e à sua transcrição.

Entrevistador: Muito bem. Durante a sua formação inicial teve alguma cadeira na área das tecnologias de informação e comunicação?

Professora A: Não, nem pensar. Mas desde início tive sempre muita curiosidade e muita vontade em atualizar-me nesse campo.

Entrevistador: Muito bem. Então na sua formação contínua nos últimos 5 anos fez algum curso ou oficina na área das tecnologias de informação e comunicação?

Professora A: Ao longo dos 32 anos, já são 32 anos ahahah. Fiz algumas formações e este ano já fiz uma sobre a capacitação dos docentes nas tecnologias digitais.

Entrevistador: Que conteúdos trabalhou nestas formações?

Professora A: Conteúdos da área das tecnologias.

Entrevistador: E aplicou esses conhecimentos com os seus alunos?

Professora A: É um bocado complicado, porque as escolas não têm equipamentos. Portanto, eu acho que as formações são uma mais-valia para nós são bastante enriquecedoras. Tenho aprendido bastante, mas depois chegamos à sala de aula e não tenho os materiais. Às vezes, é um bocadinho a força de vontade que nós temos de aplicar essas tecnologias com os alunos com o pouco material. A sala tem um computador que não está a funcionar da melhor forma. E vocês nas vossas aulas já fizeram atividades no computador, onde os alunos foram escrever as palavras e elas não apareciam ou demoravam muito tempo.

Entrevistador: E utiliza diariamente as tecnologias de informação e comunicação?

Professora A: Sim, para contatar com os pais e para as planificações. Normalmente utilizo o e-mail e o WhatsApp.

Entrevistador: E como já referiu utiliza tanto para situações laborais como pessoais, certo?

Professora A: Sim, sim. Nós a nível de trabalho, com os colegas, a nível das planificações, da partilha de trabalhos também utilizamos as tecnologias.

Entrevistador: Muito bem. E para comunicar com as famílias costumam usar regularmente?

Professora A: Sempre que é necessário, mas através do e-mail. Não tenho grupo no WhatsApp com os pais. Também temos a plataforma Teams e aí eram as aulas. Este ano ainda fizemos, não é? Mas sempre que necessário também temos o Teams.

Entrevistador: E agora as reuniões também são através do Teams?

Professora A: Sim, agora também são através do Teams.

Entrevistador: Consegue identificar algumas vantagens e desvantagens que sente em realizar essa comunicação através das tecnologias de informação e comunicação?

Professora A: A maior proximidade, eu acho que há uma grande proximidade entre a escola e a família.

Entrevistador: É uma vantagem?

Professora A: Sim, é uma vantagem.

Entrevistador: Então é uma desvantagem?

Professora A: A desvantagem é que nem toda a gente tem possibilidades de acesso a essas tecnologias. É que nós numa turma temos 20 alunos, mas nem todos os encarregados de educação conseguem ter acesso.

Entrevistador: E a professora sente alguma dificuldade em utilizar essas tecnologias?

Professora A: Não, não. Eu não sou uma grande técnica, ainda não tenho os conhecimentos que gostaria de ter, mas aquilo que eu vou aprendendo nas formações tento aplicá-lo no dia a dia.

Entrevistador: E na sua perspetiva, como a professora já disse, também sente que nas famílias existem alguns obstáculos e limitações a utilizá-las.

Professora A: Sim, sim. Às vezes, até é mesmo desconhecimento por parte de alguns encarregados de educação.

Entrevistador: Têm algumas dificuldades?

Professora A: Sim, é o desconhecimento. Alguns também é pouca vontade em aprender, porque mesmo que nós queiramos que as coisas funcionem mandamos tutoriais, explicamos como é que as coisas funcionem. Queremos que todos possam ter acesso. O ano passado, quando nós tivemos o ensino à distância, toda a gente teve que fazer um grande investimento a nível das tecnologias. Eu nunca tinha trabalhado no Teams, portanto tivemos de criar grupos no Teams, tivemos que pôr os pais no Teams. Foi um grande investimento que digo-lhe que foi muito enriquecedor, porque os próprios alunos tiveram uma facilidade em começar a trabalhar nessas plataformas. E os pais muitos investiram bem, pronto, e apoiaram. Mas tivemos alguns pais que foi um grande obstáculo para conseguir que eles conseguissem aceder às plataformas.

Entrevistador: E considera que esta situação pandémica alterou a forma como o professor e a família passaram a utilizar as tecnologias para comunicarem?

Professora A: Completamente.

Entrevistador: Se calhar existe uma maior proximidade, se calhar falam mais regularmente do que antes.

Professora A: Sabe que anteriormente os atendimentos aos encarregados de educação eram presenciais e tínhamos um dia semanal. Agora com esta situação normalmente, de uma maneira geral, fazem-se através da plataforma online.

Entrevistador: E que estratégias é que a professora utiliza para que as famílias consigam acompanhar o quotidiano das atividades dos seus filhos?

Professora A: Partilhando o maior número possível de informação, motivando os próprios alunos no que é necessário para que eles cheguem a casa e vão motivados e incentivem as famílias a colaborarem nessas atividades da plataforma, não é? Porque muitas vezes se as crianças forem estimuladas na escola, chegam a casa e são elas que vão entusiasmar e dar vontade ao pai ou à mãe de preparar tudo o que é necessário para a criança desenvolver atividade, não é? Porque se as crianças não forem motivadas e se os pais não estiverem atentos, porque há muitos que não estão atentos, não é? Mas eu acho que o ponto de partida é a criança.

Entrevistador: Para conseguirmos puxar a família para a escola?

Professora A: É, para o ambiente escolar.

Entrevistador: Ok, já terminámos. Muito obrigada pela participação, professora.

Professora B

Entrevistador: (em off) Bom dia, antes de mais gostaria de agradecer a sua disponibilidade. O tema desta entrevista é “A ligação Escola-Família mediada pelas tecnologias” e será fundamental para a conclusão do trabalho final do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Sou estudante da Escola Superior de Educação de Santarém e estou a realizar este estudo com a orientação da professora Cristina Novo.

Todas as respostas às questões são confidenciais e anónimas. Autoriza-me a gravar a entrevista? Se pretender poderá ter acesso à gravação da entrevista e à sua transcrição.

Entrevistador: Muito bem. Durante a sua formação inicial teve alguma cadeira da área das tecnologias de informação e comunicação?

Professora B: Sim.

Entrevistador: Qual?

Professora B: Era o básico, na altura abordávamos mais era Word e o Excel.

Entrevistador: Foram as principais aprendizagens que fez na altura. E utilizou essas aprendizagens?

Professora B: Claro.

Entrevistador: E na sua formação continua nos últimos 5 anos fez algum curso ou oficina de formação na área das tecnologias de informação e comunicação?

Professora B: Sim. Presentemente, estou a frequentar uma formação de capacitação digital e aqui há algum tempo também fiz só relacionado com o Excel.

Entrevistador: E está a aplicar esses conhecimentos com os seus alunos?

Professora B: Sim, faz mesmo parte da formação aplicar e pôr em prática com eles.

Entrevistador: Utiliza diariamente as tecnologias de informação e comunicação?

Professora B: Sim.

Entrevistador: Quais?

Professora B: Principalmente com recurso da escola digital, onde estão os manuais, o quadro interativo e depois outras aplicações que sejam adequadas.

Entrevistador: Então utiliza em situações pessoais e laborais?

Professora B: Sim, sim.

Entrevistador: E utiliza para comunicar com as famílias dos seus alunos?

Professora B: Sim, nós aqui no agrupamento o principal meio de comunicação é o e-mail institucional. Sabemos que alguns pais não consultam e, portanto temos que ir por outras vias. Às vezes, até pelo WhatsApp comunicamos, para além das mensagens e telefonemos e recados escritos.

Entrevistador: Com que regularidade costuma fazes essa comunicação?

Professora B: É quase sempre, se não for diário pelo menos dia sim, dia não.

Entrevistador: Então, atualmente, as tecnologias de informação e comunicação que utiliza ajuda a manter essa comunicação que há entre as famílias e a escola?

Professora B: Sim, cada vez mais.

Entrevistador: Consegue identificar algumas vantagens e desvantagens que sente em realizar essa comunicação através das tecnologias de informação e comunicação?

Professora B: Bem, para já é rápido, não é? É uma das vantagens. Depois a desvantagem, e isto também um bocadinho agravado com a questão da pandemia, é não haver o contato presencial. É diferente a pessoa falar diretamente com outra e principalmente o facto de ser escrita, as mensagens ou o e-mail. Às vezes, até más interpretações de mensagens de ambas as partes, não é? E pronto, eu pessoalmente gosto muito mais do contato presencial, mas é verdade que é mais rápido. Mandamos uma mensagens e automaticamente sabemos se a pessoa viu a mensagens ou não, temos a resposta o que é rápido. Mas pronto, o presencial para mim é preferível.

Entrevistador: E sente alguma dificuldade em utilizar estas tecnologias?

Professora B: Não, não.

Entrevistador: E que tipo de assuntos costuma tratar através das tecnologias?

Professora B: Todos, todos. Desde o mau comportamento, desde um pedido de ajuda, uma colaboração, tudo o que for necessário.

Entrevistador: Na sua perspetiva sente que existem limitações ou obstáculos, por parte das famílias, na utilização das tecnologias?

Professora B: Sim, há famílias que não têm dispositivos e também existem essas mesmas ou outras que não têm facilidade para trabalhar com as aplicações ou seja o que for para depois também ajudar os filhos.

Entrevistador: E considera que a situação pandémica alterou a forma como o professor e a família passaram a utilizar essas tecnologias?

Professora B: Sim, utilizamos mais.

Entrevistador: E que estratégias utiliza para que as famílias consigam acompanhar o quotidiano das atividades dos seus filhos?

Professora B: Bem, é assim, é isso que eu estava a dizer, não é? Usamos muito o e-mail, a pedir também essa ajuda, esse acompanhamento e isso tudo. Mas é a tal coisas, nem todos consultam com regularidade, alguns nem chegam a consultar e depois aquilo que acontece é que uns participam ativamente e outros nem tanto. Mas também não vamos agora discriminar nem penalizar, porque uns conseguem com facilidade e outros não. Alias, na pandemia foi exatamente isso que aconteceu, não é? Pelo menos naquela fase inicial em que tinham de começar a aceder às aplicações e não tinham computadores, não tinham quem os ajudasse, não sabiam. E não podiam ser penalizados por isso, mas claro que ia sempre chamando a atenção para isso.

Entrevistador: Ok, professora. Obrigada pela participação.

Professora B: De nada!